ROTA DO ROMÂNICO

São Mamede de Vila Verde

Construir uma Igreja com as suas pedras

MIGUEL MALHEIRO

CENTRO DE ESTUDOS DO ROMÂNICO E DO TERRITÓRIO

Fotografia da capa: Sineira da Igreja de São Mamede de Vila Verde.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
São Mamede de Vila Verde. Construir uma Igreja com as suas pedras

PROPRIEDADE
Rota do Românico

EDIÇÃO
Centro de Estudos do Românico e do Território

COORDENAÇÃO GERAL
Luís Monteiro

REVISÃO DA EDIÇÃO
António Coelho

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
Miguel Malheiro

TEXTOS
Miguel Malheiro
Joaquim Inácio Caetano
Luís Fontes
Aníbal Costa

FOTOGRAFIA
Miguel Malheiro
Joaquim Inácio Caetano
Luís Fontes
Aníbal Costa
Rota do Românico

DESIGN DA COLEÇÃO
Abigail Ascenso e Fedra Santos

PAGINAÇÃO
Fedra Santos

IMPRESSÃO
Lidergraf – Artes Gráficas

TIRAGEM
500

EDIÇÃO
2.ª Edição | Março de 2023
1.ª Edição | Dezembro de 2011

ISBN
978-989-53587-2-4

DEPÓSITO LEGAL
514125/23

Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

COFINANCIAMENTO

Centro de Estudos do Românico e do Território
Praça D. António Meireles, 45
4620-130 Lousada
T. +351 255 810 706
T. +351 918 116 488
rotadoromanico@valsousa.pt
www.rotadoromanico.com

São Mamede de Vila Verde

Construir uma Igreja com as suas pedras

MIGUEL MALHEIRO

TEXTOS
Miguel Malheiro
Joaquim Inácio Caetano
Luís Fontes
Aníbal Costa

Índice

Cronologia de obras e projetos

2003 Primeiro contacto estabelecido com o imóvel, com visita de inspeção.

2004 Concurso para elaboração do projeto de conservação, salvaguarda e valorização do imóvel.
Trabalhos de desinfestação.
Levantamento arquitetónico e topográfico.
Estudo dos rebocos interiores com decoração a fresco.
Análise estratigráfica de alçados e interpretação da evolução arquitetónica do monumento.

2005 Diagnóstico de estabilidade do edifício.
Sondagens arqueológicas no subsolo junto ao arco triunfal.
Estudo prévio do imóvel e sua envolvente.
Projeto Fase I – Execução de vala perimetral, vãos, coberturas, pavimentos e paramentos verticais.

2006 Projeto Fase II – Pavimentos exteriores da Igreja.
Obras Fase I.
Estudo de valorização e salvaguarda da envolvente ao imóvel, com definição de estratégia e Zona Especial de Proteção (ZEP) ao imóvel, tendo em vista o ordenamento do território e a classificação do imóvel.
Obras Fase II.
Obras Fase III – Consolidação das pinturas murais.
Projeto Fase IV – Sanitários públicos e arranjos exteriores envolventes à casa do padre.
Projeto Fase V – Organização do espaço de celebração e iluminação interior.
Projeto Fase VI – Arranjos exteriores envolventes ao conjunto arquitetónico.

2007 Obras Fases IV e V.

2008 Obras Fase VI.

Equipa técnica

ARQUITETURA
Miguel Malheiro

DIAGNÓSTICO DE ESTABILIDADE
Núcleo de Conservação e Reabilitação de Edifícios e Património, da Secção de Estruturas do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, sob coordenação de Aníbal Costa

DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO NAS PINTURAS MURAIS
Mural da História, Lda., sob coordenação de Joaquim Inácio Caetano

LEITURA ESTRATIGRÁFICA DOS ALÇADOS DA IGREJA E ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO
Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sob coordenação de Luís Fontes

RESTAURO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
Artur Jaime Duarte, Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte

ENGENHARIA CIVIL
Duarte Pereira Vieira, Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte

ENGENHARIA ELETROTÉCNICA
Alfredo Carvalho, Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte

PAISAGISMO
Miguel Malheiro | Luís Nunes, Câmara Municipal de Felgueiras

CONSTRUTOR CIVIL
Augusto Oliveira Ferreira & C.ª, Lda.

COORDENAÇÃO DO PROJETO E DAS INTERVENÇÕES
Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais | Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte

As ruínas da Igreja de São Mamede de Vila Verde e conjunto arquitetónico envolvente em 2003.

Introdução

Existem paisagens, lugares e construções, cuja conservação não pode ser levada a cabo de forma independente de um conteúdo espiritual próprio ou de um contexto imaterial firmemente ligado aos mesmos.

Por outras palavras, tal como uma paisagem pode materializar a lembrança de um acontecimento, o construído não pode entender-se desligado de certas características ambientais e vivenciais que constituem a própria sobrevivência da consciência coletiva das comunidades que o construíram, habitaram e habitam. A proteção, conservação e utilização do património construído, com objetivos sociais, científicos e didáticos, constitui um elemento estabilizador no desenvolvimento das culturas e desempenha um papel ativo na vida da sociedade.

Contudo, no decorrer dos tempos toda a construção sofre modificações resultantes dos seus usos. Deste processo, estas adquirem, enquanto testemunhos dos acontecimentos passados e do desenrolar da evolução social, um novo significado histórico, a que se junta a sua beleza formal intrínseca. Assim, quando uma construção já não responde ao fim para o qual foi construída, a sua conservação deixa de ser uma necessidade prática para se tornar uma tarefa puramente cultural.

Mesmo que se quisesse não se poderia salvaguardar todas as realizações do passado. O aparecimento de novos condicionalismos, o progresso tecnológico e as modificações materiais deles derivados, conduzem inevitavelmente à destruição ou abandono de grande parte desse património. O passado recente da Igreja de São Mamede é disto um claro exemplo.

Quando se pôs a questão de a Igreja vir a integrar a RRVS | Rota do Românico do Vale do Sousa, esta não passava de uma ruína espartilhada por um lotear do território, onde começavam a despontar construções de gosto duvidoso.

Frente à “ruína” havia a necessidade de equacionar que atitude tomar para a salvaguarda do Bem Patrimonial, a que acrescia o vislumbrar de policromias por entre a vegetação que se foi adossando à construção que teimava em manter-se erguida.

Entre as várias hipóteses que iam sendo levantadas pelo olhar, ainda empírico, da equipa que se ia envolvendo no processo, houve, em dado momento, o vislumbrar de um ramito de flores ressequidas e de um coto de uma vela que alguém devoto ali colocara. No meio do colapso do lugar, este objeto de fé ainda fazia parte da crença de alguém que por lá passava e aí mantinha viva a sua devoção.

Este pontuar de um imaginário que se mantinha vivo foi facto determinante para a atitude do projeto a ser desenvolvido, mas... como!?

É do senso comum entre os cidadãos, técnicos e responsáveis pelas políticas do Património que os conhecimentos a adquirir previamente à intervenção são fundamentais e devem ser precisos. Não se deve atuar tendo por base o total desconhecimento do objeto, como tão pouco será imprescindível ter um conhecimento exaustivo do mesmo. A natureza, extensão e profundidade desses conhecimentos deverão ser determinados em função do interesse certo ou presumível e, naturalmente, em função dos recursos disponíveis ou racionalmente exigíveis.

Face à fragilidade do Bem Patrimonial, em cada etapa do processo foram sendo associadas áreas do saber à equipa de trabalho, onde a investigação começa a alimentar o traço do objeto que viria a ser o suporte para a conservação e o salvaguardar dos Bens tangíveis e intangíveis intrinsecamente associados ao edificado.

O projeto só foi possível ser concretizado tendo em conta o envolvimento e entrega de toda uma equipa, que deu crescendo ao conhecimento resultante de uma investigação cuidada e partilhada momento a momento,

dando corpo à multidisciplinaridade que veio a desenhar o projeto da Igreja de São Mamede.

Seria correto a partir deste parágrafo falar do projeto e da obra. Contudo, é meu entender ser de maior significado escrever sobre o processo, a metodologia utilizada e partilhar os princípios que nortearam o projeto, ao incorporar a informação que ia sendo recolhida e trabalhada.

O arquiteto, enquanto autor e coordenador do projeto, deu corpo ao desenho e o construtor executou, estando sempre presentes as áreas de investigação, nomeadamente as engenharias para a consolidação das estruturas e controlo higrométrico do edificado, a arqueologia na investigação do subsolo e das alvenarias que persistiam de pé, a pintura mural na conservação, consolidação e restauro dos vestígios das policromias, o paisagismo no tratamento da envolvente, que, validadas pela investigação histórica, deram o contributo primacial para a contextualização da Igreja de São Mamede, enquanto cruzamento de um território com as suas gentes – patronados, senhorios e vizinhos – que foram a fonte da vida para que este Bem nos fosse legado.

O projeto em si é e deve ser entendido como um conceito contemporâneo, assumindo clara e objetivamente a contemporaneidade da linguagem arquitetónica, sem mitigar a identidade da preexistência, induzindo sim à conservação, salvaguarda e valorização dos elementos patrimoniais como dever primeiro.

Para o completar da construção recorre-se a materiais associados ao sistema construtivo tradicional, utilizados de acordo com a sua identidade e linguagem construtiva própria, sem perda da contemporaneidade do desenho. A introdução de novos materiais está associada à necessidade de salvaguardar o Bem na alteração do uso e de conforto que os novos tempos impõem, bem como à necessidade do controlo de fragilidades do edificado, enquanto consequência da alteração da envolvente e da forma de uso do espaço.

Por último e em jeito de conclusão, diria que a experiência de quem esteve envolvido nesta intervenção – estudos | projeto | obra – foi profundamente rica, mantendo-se como referência metodológica quando se tem entre mãos a responsabilidade da salvaguarda de um Bem Patrimonial. Houve tempo para refletir, para cruzar informação, para questionar, tempo para olhar em redor e estar atento ao lugar, às pessoas, ao comportamento dos materiais que iam sendo utilizados.

A intervenção tem, com todo o mérito, uma autoria: a do arquiteto Miguel Malheiro, enquanto projetista e coordenador do projeto. Contudo, este não pode e nem deve ser dissociado de toda uma equipa que marcou presença, onde se incluem os investigadores e técnicos especialistas, bem como as empresas de conservação e restauro e de construção civil que estiveram envolvidas no processo.

À distância do tempo passado sobre a intervenção executada, diria que faz falta a espontaneidade dos silvedos, das romãzeiras, das couves galegas, dos coelhos, das ovelhas e cabras que teimem em tomar conta da envolvente e esta se reabra para o vale onde Santa Maria de Airães fica lá em baixo e Felgueiras fica lá longe!... da desordem que nós humanos provocamos quando participamos, de forma consciente e cuidada, na vida dos espaços e dos sítios, com o compromisso de zelar por eles para os legarmos para o futuro como memória coletiva.

Porto, dezembro de 2011

AUGUSTO COSTA
Arquiteto
Diretor da Direção Regional de
Edifícios e Monumentos do Norte (1995-2007)

MIGUEL MALHEIRO

Construir uma Igreja com as suas pedras

O projeto para a conservação da Igreja de São Mamede de Vila Verde não pretendeu mais do que construir uma Igreja com as suas próprias pedras. Culminou num edifício onde ainda é visível a fundação românica, bem como os vários discursos introduzidos ao longo da história, promovendo um diálogo entre eles.

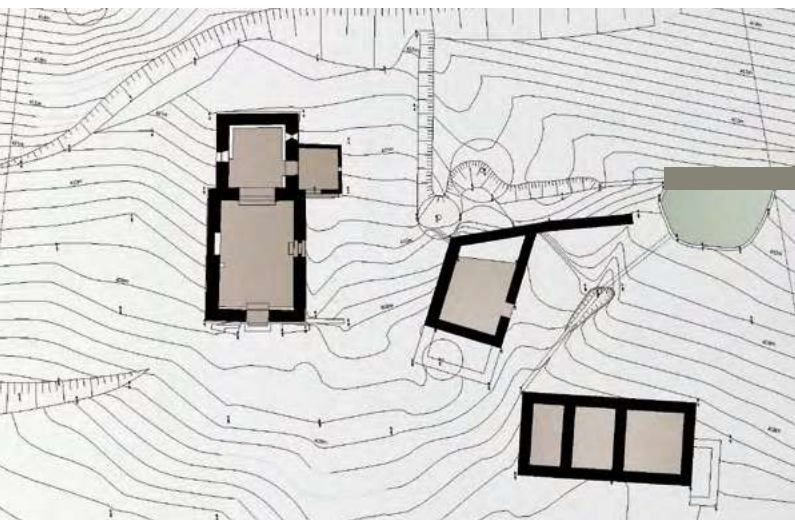
Este projeto teve a benevolência do tempo para a sua execução, porque o ato de construir assim o exige, e todos os participantes envolvidos nesta ação assim o entenderam, porque o que ali se encontrou eram essencialmente as ruínas de uma construção. Esse edifício foi significativo, real, porque foi realizado, seguramente mais do que previsto, mostrando uma seriedade fundamental, para a sua população e para nós que decidimos tratar da sua manutenção, manifestando uma magnitude independente do seu tamanho. O tempo de análise e diagnóstico daquelas ruínas determinou a forma de atuar. Elas relembraram-nos mais uma vez que a nossa atividade decorre do ato de construir, e o que se revela mais importante é a rigorosa execução do novo, a escolha escrupulosa dos materiais, para deixar que eles falem de si próprios, e que essa materialidade demonstre a imanência das proporções, mas também comedimento naquilo que se introduz, procurando a dialética entre o novo e o existente, a ética no ato de construir. No fundo, o projeto procura estabelecer uma relação de "amizade" com o existente. Não se pretende estabelecer um posicionamento teórico, rígido e axiomático, que domine o resultado final, mas antes relacionar as diferentes entidades presentes no projeto. Pensamento e sentimento acabaram por coexistir.

As pedras

As pedras que constituíam a ruína evidenciavam uma presença especial naquele lugar, produzindo uma sensação de estarem sujeitas a uma tensão interna que apontava para lá desse lugar. Nelas, aquilo que provém do mundo, como o desenho quadrangular da planta, o aparelho que constitui os seus muros, a marcação das entradas, o embasamento e o coroamento, contraiu um vínculo com o local, na adaptabilidade da planta à implantação, na tradição construtiva dos seus muros e, não menos importante, na realização da paisagem, que ela ajudou a estruturar.

O primeiro contacto estabelecido com este edifício foi no ano de 2003, quando a Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte me encomendou o projeto de conservação, salvaguarda e valorização geral da Igreja. Começou aí o processo de compreensão daquele edifício e do lugar onde se implanta, sondando-o, entendendo a sua estrutura, a sua história e as suas características sensoriais, através da observação direta de levantamentos, escavações e estudos que encomendámos, começando desde logo a confluir, neste processo de visualização precisa, imagens de outros lugares semelhantes, lugares que conheço e que alguma vez me impressionaram, imagens de lugares quotidianos ou especiais, cuja forma levo dentro de mim como um símbolo de determinados estados de alma e qualidades, e imagens de lugares, ou situações arquitetónicas que provêm do âmbito da minha experiência com este mundo.

A ruína da Igreja em 2003.

Cotos de velas colocados na parede testeira da capela-mor.

Esta experiência diz-me que um projeto, mesmo de salvaguarda de património, não bebe unicamente do existente e da tradição, nem repete o que o seu lugar lhe assinala à partida, porque senão falha a confrontação com o mundo, com a irradiação do contemporâneo. E se uma obra de arquitetura não nos dá conta do trajeto do mundo, não oscilando nela o lugar concreto onde se ergue, então sai empobrecida a ancoragem sensorial da construção ao seu lugar, ao peso específico do local.

Isto encontra-se refletido nas pedras que constituíam as ruínas da Igreja. Foi desvendando as mensagens naturais que o edifício continha, com presença óbvia, que se iniciou o projeto, para percebermos o objeto que simplesmente ali estava.

A Igreja de São Mamede de Vila Verde, localizada no concelho de Felgueiras, distrito do Porto, é um templo de reduzidas dimensões, implantado no cimo da encosta do monte sobranceiro ao vale de Vila Verde. Esteve abandonado cerca de quarenta anos, tendo sobrevivido apenas os muros perimetrais que continham fragmentos de pinturas murais nas suas faces interiores, as ruínas da casa do padre e das cortes de gado. No entanto, era ainda visível a continuidade do culto ao padroeiro da Igreja por parte da população vizinha, como os cotos das velas encontrados na parede fundeira da Igreja o comprovavam. O padroeiro da Igreja, São Mamede, bem como as condições naturais do sítio onde se implanta a Igreja, permitem-nos adiantar que a envolvente ao imóvel, por altura da sua construção, estaria próxima de pastos que se distribuiriam pelo topo do monte aplanado. A sua posição permite visualizar o imenso vale fértil e, a partir do fundo dele, atualmente, só nos apercebemos da Igreja pela proximidade de dois carvalhos-alvarinhos de grande porte, espécies autóctones que terão "sobrevivido" ao abate da floresta que ali existiria, e na qual se terão aberto clareiras para

Levantamento topográfico realizado em setembro de 2003.

a criação de gado. Atualmente, este topo aplanado do monte encontra-se urbanizado ao longo da EN15 que o percorre e liga Penafiel a Amarante. Nas imediações da Igreja forma-se um loteamento de habitações unifamiliares de péssima qualidade que descaracteriza a envolvente a nascente da Igreja, devido à implantação dos edifícios em desníveis acentuados, produzindo volumetrias exageradas voltadas para o vale.

As permanências relativas ao território que esta Igreja pontuou quando foi construída, relacionam-se seguramente com a paisagem do grande vale aberto, que ela observa, orienta e comanda. O seu lugar de implantação, afastado do aglomerado que se localizaria no fundo do vale, junto das rotinas do quotidiano, indica-nos a existência da vivência do peregrinar, exercendo o poder de retirar os fiéis do seu quotidiano, extremamente útil para retornar com atenção redobrada aos valores que a ele se encontram associados.

A Igreja encontra-se perfeitamente encaixada no plano inclinado da encosta do vale, ao qual se adapta pela subdivisão em dois volumes, um correspondente à nave e outro à capela-mor, esta última implantada a uma cota mais alta e de menores dimensões. O afunilamento da forma da fachada principal em altura, acentuado pelo soco periférico com funções estruturais, saliente na base e escalonado na vertical, resulta em dois volumes trapezoidais, afastando-se do repertório habitual do românico da região, que costuma resultar na associação de dois paralelepípedos retângulos. Esta original composição favorece a leitura da força exercida pela massa pétrea sobre o terreno, parecendo que aquela construção sempre ali esteve, agarrada à terra, assinalando expressivamente a sua presença.

Estes volumes trapezoidais decorrem das condições naturais de implantação aliadas a sistemas construtivos elementares, embora eficientes. Estas constatações transparecem para a planta do edifício, também ela de base trapezoidal na nave e na capela-mor, embora nesta última se aproxime do quadrado. Construtivamente, é notório que as bases menores destes dois trapézios são os lados de encosto ao arco triunfal, assumindo-se este como um elemento estrutural importante da construção. Funções estruturais têm-nas também o soco perimetral das paredes laterais e fundeira da capela-mor, de suporte às forças exercidas pelo terreno inclinado, bem como o soco exterior e interior da fachada principal, formando uma parede em alambor em ambas as faces, para suporte das fachadas laterais implantadas na base inclinada. A inclinação da base de apoio das fachadas laterais é acompanhada pela inclinação dos pavimentos interiores, mais expressiva na nave, que desce do arco triunfal para o portal principal, revelando a necessária adaptabilidade às condições do relevo existente. Assim, o muro é a estrutura fundamental de suporte e relaciona os alçados com os sistemas de cobertura e iluminação.

Estes muros constroem-se segundo o sistema construtivo maioritariamente utilizado na época românica. É composto por dupla parede com núcleo interior preenchido por cascalho, calhaus e argamassa saibrosa, com as faces visíveis ou paramentos, com juntas horizontais quase secas e juntas verticais irregulares, também secas, executadas com silhares graníticos de forma geral paralelepipédica, esquadrados com algumas irregularidades. O aparelho usado na constituição destas paredes é o pseudo-isódomo. Os dois panos paralelos com núcleo formam o aparelho designado por *emplectum*. Estes silhares dispõem-se, quase sempre, longitudinalmente (de peito), alternando a distâncias irregulares com pedras que atravessam a espessura do muro, designadas por perpianhos ou juntouros, com o objetivo de fazer o respetivo

travamento, que em alguns casos fica saliente do plano da parede. A generalidade dos silhares foi rachada e toscamente afeiçoada a picão, observando-se, em alguns casos, os rasgos correspondentes à utilização de cunhas de madeira para o corte. No entanto, é percetível o cuidado especial no desbaste dos leitos dos silhares, para um correto assentamento, apresentando as faces exteriores ligeiramente convexas, com um acabamento "apicoado" com textura a pico grosso.

O coroamento destes muros é rematado, no seu lado exterior, por uma cornija de secção ligeiramente côncava, apoiada em cachorros quadrangulares lisos, solução protogótica. As cornijas da nave apoiam-se em onze cachorros cada uma, enquanto as da capela-mor se apoiam em sete, existindo um no cunhal sudeste com uma decoração simples, com dois toros. A fachada principal é rematada por um pequeno campanário, que não se encontra no eixo da fachada, estando deslocado ligeiramente para a esquerda, assim como o portal principal, que neste caso está deslocado para a direita, contrabalançando-se um ao outro na axialidade visual da fachada. O vão do portal principal apresenta um arco de volta perfeita, encontrando-se inscrito na espessura do muro, com tímpano fechado sobre lintel, apoiado nas ombreiras do vão, caracteristicamente românico, mas liso. No entanto, o portal sul já apresenta um arco ligeiramente apontado formado por nove aduelas, característico do gótico. Ainda nesta fachada sul da nave conserva-se a quase totalidade das mísulas que suportariam um alpendre, que serviria de abrigo aos fiéis e à área sepulcral, comprovada no decurso da obra de abertura da vala perimetral à Igreja, com o aparecimento de uma ossada sob esse local, bem como o rufo em elementos de cantaria de granito. Este rufo encontra-se seccionado pela abertura de um vão retilíneo de acesso pelo exterior ao coro alto, que encostaria à fachada principal a poente da nave, e que terá sido construído em finais do século XVI, princípios do século XVII.

A iluminação original do interior da Igreja era realizada pela entrada de luz natural pelo portal axial e pelo portal lateral da nave, pelas quatro frestas abertas nos muros do imóvel, uma de cada lado da nave e da capela-mor, pela fresta existente na parede fundeira, agora entaipada, e pela fresta existente na parede oriental da nave, sobre o arco triunfal. As frestas originais existentes são em capialço, encontrando-se duas entaipadas, a da parede fundeira e a da parede meridional da capela-mor, esta última devido à construção posterior da sacristia. As duas janelas laterais da capela-mor são distintas, de maior dimensão, retangulares, abertas para a entrada de mais luminosidade para a celebração da eucaristia, correspondendo a janela norte a um alargamento da fresta original existente, com capialço toscamente executado. A janela a sul foi rasgada de novo, contendo uma guarnição ao vão em capialço bem acabada, com moldura retilínea. Estas alterações permitiram comprovar a existência de modificações ao esquema inicial da Igreja. A sacristia adossada à fachada sul da capela-mor é uma construção distinta da Igreja, visível pelo aparelho do muro em cantaria de granito, constituído por fiadas regulares de um só bloco, ou perpianhos, com juntas estreitas. Teve uma cobertura com revestimento a telha de duas águas, como testemunham os vestígios do rufo em argamassa de cimento na parede da capela-mor e a empena triangular da fachada sul deste volume.

No interior da Igreja é de salientar, para além do já referido atrás, a existência de uma mísula ao lado do altar lateral da nave, que suportava uma bacia pétrea que serviria de púlpito, encontrando-se recolhida no pátio de uma casa das proximidades. Para além disso, é visível

A ruína da Igreja em 2003.

Interior da ruína em março de 2004.

Avaliação do estado de conservação das pinturas murais em setembro de 2004.

que existiu um altar-mor encostado à parede oriental da capela-mor, como se constata pela distribuição e enquadramento da pintura mural, alteração que terá ocorrido em finais do século XV, princípios do século XVI.

Conclui-se que a Igreja de São Mamede de Vila Verde é um templo que sofreu alterações ao plano inicial, em vários momentos, mas que ainda mantém muito da estrutura original e, embora apresente elementos que são característicos do período gótico, como o arco apontado do portal sul, os modilhões lisos e as frestas em capialço, muitas outras características são devedoras da época românica, como a organização espacial e o portal ocidental. Por isso, concorrem neste templo influências conservadoras e progressistas, confirmando tratar-se de um edifício de matriz românica tardia de expressão rural, onde o tratamento dos volumes é feito a partir de formas sólidas e robustas, criando espaços com uma relação proporcional entre as várias partes, com base na figura do quadrado. O arco triunfal é posterior ao projeto inicial, o que nos leva a imaginar a divisão que existiria entre os dois espaços, o da nave e o da capela-mor, antes da execução deste alargamento que, associado à elevação trapezoidal dos dois volumes, à ausência de decoração arquitetónica e à organização encerrada dos espaços interiores que se vê reforçada pela elevação da capela-mor, sugere que a Igreja ainda obedeceu a esquemas construtivos de composição pré-românicos, demonstrando a sua perduração neste contexto rural.

Mas o que nos importa reter na observação deste imóvel é que a construção deste edifício se torna significativa, porque insistiu mais na realização do que na previsão, ou seja, mais na construção, e daí muitos dos silhares serem toscos e adaptáveis às solicitações que o avanço da construção ditou e que alguém os construiu ao longo do tempo, do que no cumprimento de um rígido plano preliminar.

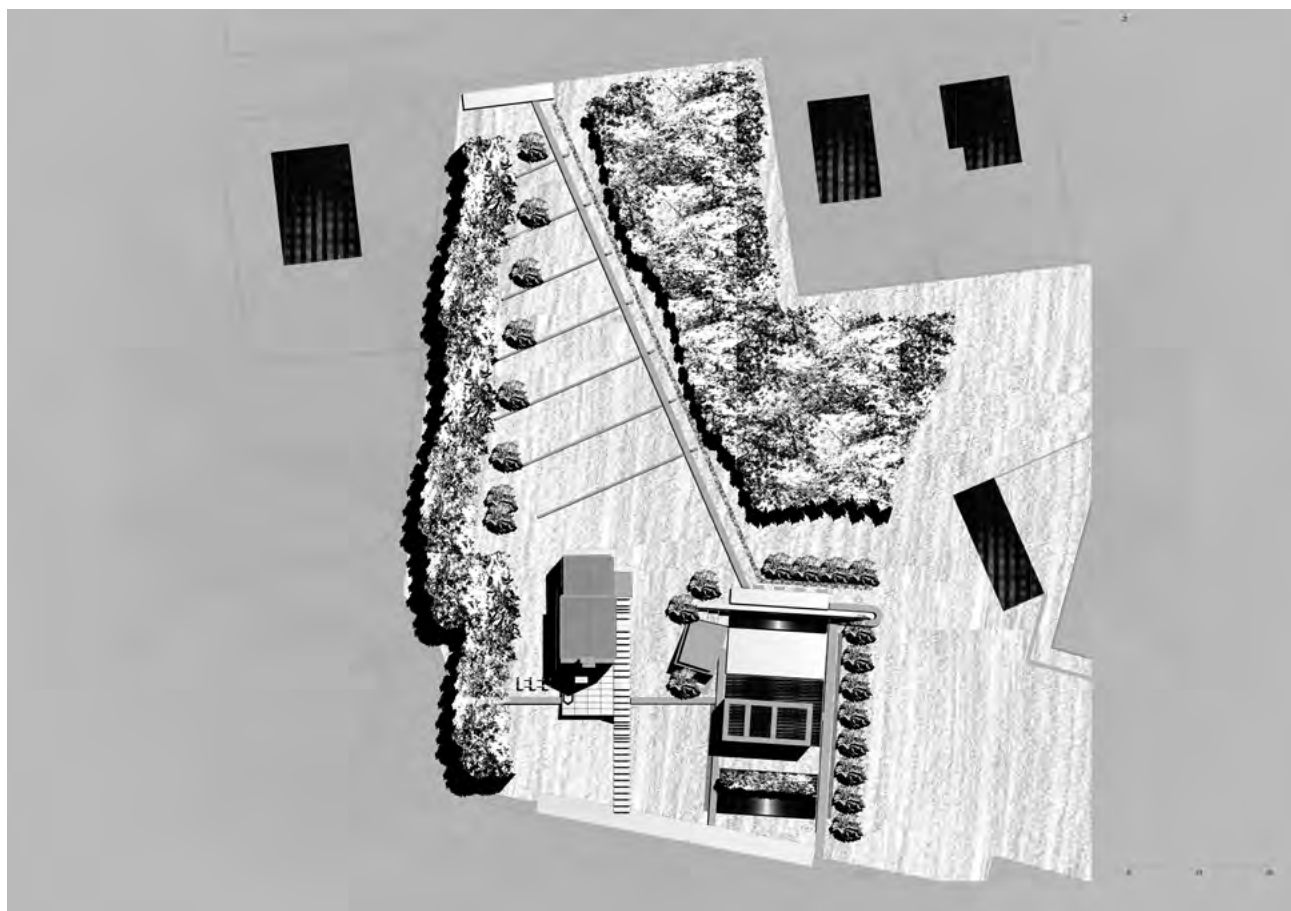
Sondagens arqueológicas realizadas em julho de 2005.

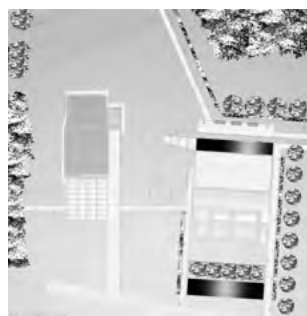
O significado desta construção está na seriedade fundamental para a sua concretização, onde o material prevalece sobre o monumento.

O estudo realizado sobre os vestígios das pinturas murais, encontrados nas paredes interiores da Igreja, revelou a existência de duas campanhas de pintura que cobririam grande parte das paredes interiores do templo, mostrando o quanto as igrejas medievais portuguesas apresentavam um interior colorido. Para além disso, o estudo revelou que uma das campanhas pictóricas poderá ser atribuída ao pintor Arnaus, considerado um artista particularmente imaginativo e de capacidades técnicas muito acima dos seus pares, sendo talvez o mais interessante fresquista do Renascimento português com obra conhecida, dominando efeitos plásticos de grande virtuosismo técnico.

Aqui se percebe o trajeto do mundo que a obra de arquitetura transporta, de que falámos atrás, e que mesmo uma Igreja como esta, de pouco aparato arquitetónico, pode conter. A Igreja de São Mamede de Vila Verde tanto apresenta uma solução arquitetónica tardia, de repetição das formas românicas ainda no século XIII/XIV, com sucessivas modificações à época, como constitui um exemplar de modernidade no que diz respeito à pintura mural.

Neste sentido, reforça o meu sentimento do que é a presença da arquitetura, ou seja, a oscilação entre tradição e inovação. Ou seja, a reutilização de elementos de construções anteriores e a recuperação de técnicas e motivos decorativos utilizados por épocas anteriores revela uma persistência na sua utilização passado um longo tempo, que só pode significar um apelo à tradição, a partir da qual a arquitetura se realiza material e conceptualmente. Esta arquitetura incorpora não só a condição material de um dado lugar e tempo, mas também o legado de uma tradição histórica específica que, por muito que seja assimilada, funde-se com os novos horizontes, ou seja, determinado legado cultural é constantemente avaliado em confronto com as várias tradições, sendo esse processo dialético que possibilita o avanço por parte da razão. Assim, o processo de inovação existente no começo da arquitetura portuguesa é, neste sentido, dependente de uma releitura, de um reproduzir, de um relembrar da tradição, incluindo a tradição do novo, opondo-se necessariamente ao triunfo de um método universal, produzindo coisas que parece que sempre ali estiveram. Não são questões nostálgicas, são questões de pragmatismo na hora de construir.

Vista do vale de Vila Verde a partir da Igreja.

Planta de implantação da proposta geral.

Planta do piso térreo da nave da Igreja, sanitários, tinas de água e ruínas da casa do padre.

Planta das coberturas da Igreja e dos sanitários.

Projeto

Ficou claro, com o caminho até aqui traçado, que este edifício foi sendo lentamente aceite na sua envolvente, possuindo a capacidade de falar de múltiplas maneiras com o sentimento e a razão. O nosso sentir e compreender estão enraizados no passado, motivo pelo qual a relação de sentido que nós criamos com um edifício deve respeitar o processo de recordação. No entanto, o recordado não se compara ao ponto final que se encontra no fim da linha, ou seja, à obra depois de realizada.

A intervenção a levar a cabo é uma intervenção num determinado momento histórico, novamente, e o que para mim se torna decisivo é dotar o novo de propriedades que entrem numa relação de tensão com o que já estava ali e que esta relação tenha sentido. Construir novamente uma igreja com as pedras da anterior revelou-se ser a proposta consensual.

Perfil transversal pela Igreja e sanitários.

Perfil longitudinal pela tina de água, voltado para os sanitários e Igreja.

Marcação das áreas a intervir, decorrente do Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa:
1 – Área verde a valorizar; 2 – Aterros a regularizar; 3 – Área verde que se prolonga pelo vale a valorizar.

Envolvente

Por isso, entendemos que o projeto deveria alargar-se à envolvente implicada pela Igreja, especialmente a que tinha estilhaçado em várias direções nas duas últimas décadas, para que de novo se construa um sistema radial à sua volta, tendo-a como objetivo, de modo que esta seja vista em termos pessoais, políticos, económicos, dramáticos, quotidianos e históricos.

Para isso realizou-se um estudo prévio para se compreender quais os limites que a presença da Igreja alcançaria, que foram posteriormente vertidos num estudo da envolvente, onde foram identificados vários pontos que alteraram negativamente a inserção paisagística do conjunto arquitetónico, nomeadamente o crescimento dos aterros defronte da Igreja, que impediam a natural relação visual da Igreja com o vale, bem como o crescimento do loteamento até próximo da Igreja e a ausência de integração do campo de jogos anexo. Para além disso, e dado que a Igreja não estava classificada, foi realizada a proposta de uma Zona Especial de Proteção, por forma a restringir intervenções futuras que interfiram negativamente na envolvente ao imóvel, conjuntamente com a proposta de classificação, que ainda não foi acolhida[1].

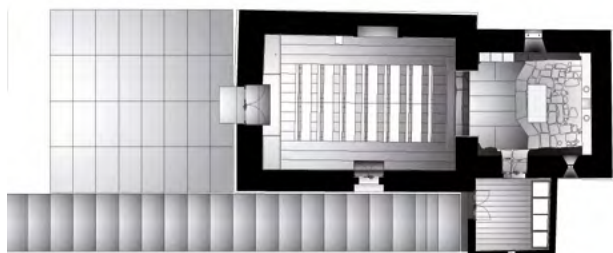
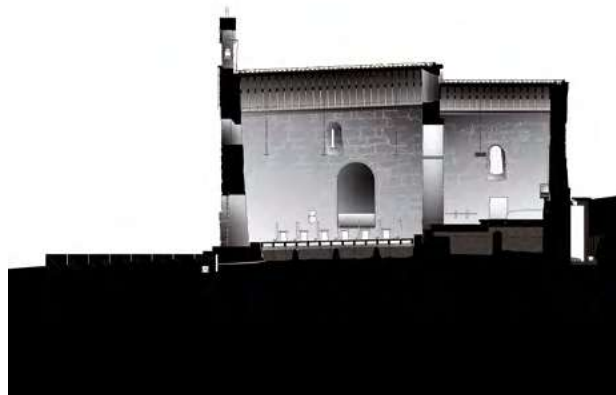
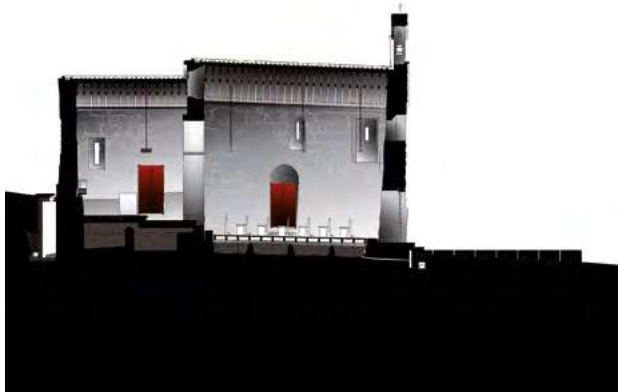
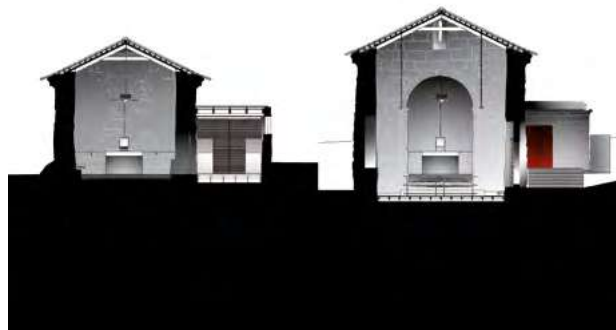
Depois de realizada esta fase, que determinou a interrupção do contínuo e acelerado processo de degradação da envolvente, determinaram-se várias fases de projeto, como a intervenção na Igreja, a criação de espaços de apoio à população e visitantes, com a criação de sanitários nas cortes de gado, a valorização da mina de água e o arranjo da envolvente. Ficaram ainda determinados, embora ainda não tenham sido realizados, a criação de um espaço de apoio à paróquia na casa do padre, a continuidade dos arranjos exteriores junto do campo de jogos, bem como defronte da Igreja, e a estabilização e valorização do arruamento por onde se acede à mesma.

1 Nota da 2.ª edição (2023): a classificação como Monumento de Interesse Público e a fixação da Zona Especial de Proteção da Igreja de São Mamede de Vila Verde foram aprovadas pela Portaria n.º 740-DU/2012, DR, 2.ª série, n.º 248 de 24 dezembro 2012.

Proposta da Zona Especial de Proteção da Igreja de São Mamede de Vila Verde, decorrente do Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa (Fotografia: ©2005 Google | ©2005 DigitalGlobe).

Igreja

O projeto de intervenção na Igreja desenvolveu-se seguidamente. Entendemos que a arquitetura é sempre uma matéria concreta e não abstrata. Nós, arquitetos, trabalhamos com materiais e métodos construtivos concretos, que necessitam de ser executados. Logo, o corpo que surge desses materiais é algo sensorial. No nosso interior transportamos imagens das arquiteturas que nos vão configurando, como as que falámos atrás, e questionamos o seu sentido, sem ainda chegar a um projeto. Estas imagens ajudam-nos apenas a criar novas imagens.

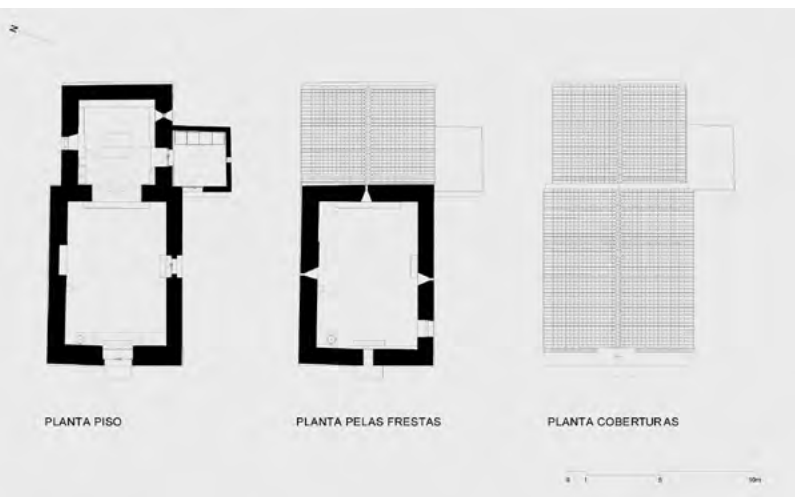
Isto ajuda-nos a pensar na totalidade, pois a imagem mostra sempre a estrutura ou detalhe do objeto imaginado,

Planta da Igreja e acessos.

Corte longitudinal voltado para norte.

Corte longitudinal voltado para sul.

Corte transversal pela capela-mor (esquerda) e pela nave (direita).

Implantação da Igreja no terreno modelado.

Vista da nave com guarda-vento do portal principal em tecido.

Novo sino da Igreja.

Alçado principal da Igreja.

Plantas da Igreja.

como, por exemplo, a parede e o pavimento, o teto e os materiais, a atmosfera luminosa e a tonalidade do espaço. Inclusive, visionamos os detalhes da transição do pavimento à parede e desta ao teto e à janela.

A lógica do projeto decorre da expressividade que emana da pequena escala, renunciando a uma solução unitária, porque eram visíveis vários problemas, várias situações que exigiam outras tantas soluções, sendo necessário que a técnica e o conhecimento contribuíssem para recuperar os seus significados originais relativamente à verdadeira substância do processo artístico, porque o ato de construir que ali se apresentava apelava essencialmente ao processo artístico, à obra anónima, ao silêncio significativo. Assumiu-se uma intenção poética, porque pressionando os significados ocultos no ato de construir, permite-nos, a nós que projetamos e aos que, a seguir, usufruem da arquitetura, ultrapassar a aparência do real.

O uso do pavimento em madeira de pinho manso nacional na nave, a sua passagem ao granito no pavimento existente na capela-mor, a transição entre os dois materiais distintos, um quente, outro frio, conjugada com a suavidade da cor e do tato da caiação das paredes, depois de incorporadas as pinturas murais, culminando na cobertura realizada numa estrutura de madeira de castanho nacional aparente, que une todo o espaço, foi o nosso projeto para a Igreja de São Mamede de Vila Verde.

Vista do alçado superior da Igreja e relação desta com o vale.

Vista da nave.

Portal principal da Igreja.

Caixilho metálico em aço corten-a de encerramento da porta de acesso ao coro-alto e recriação de fresta de iluminação.

Pavimentos

O estudo de análise e diagnóstico estrutural realizado observou a existência de um abatimento do cunhal norte da fachada principal, sendo necessário realizar a abertura de uma vala nesse local para a sua consolidação. Este facto, aliado à necessidade de voltar a aterrar a parte exterior da cabeceira da Igreja para devolver a naturalidade da inclinação do terreno, tornou necessária a realização de uma vala perimetral para ventilação e controlo das humidades ascensionais que poderiam ocorrer na fundação da Igreja. Para além disso, a construção desta vala permitia ventilar os pavimentos, nomeadamente os da nave, pelo que se optou por os executar em soalho de madeira de pinho manso nacional, com o comprimento da tábua equivalente ao comprimento da nave, 700cm, 4cm de espessura e 38,5cm de largura, assente num vigamento tarugado de barrotes de madeira, com uma caixa de ventilação de 30cm de altura. Dado que a planta da nave é um trapézio, defini que se colocaria a primeira tábua a eixo da nave e as de encosto às paredes laterais se adaptariam à inclinação da planta.

Na capela-mor aproveitaram-se as pedras do lajeado que tinham resistido, preenchendo as lacunas com novas pedras com textura, grão e cor idênticas às existentes. O novo degrau que se teve de fazer na passagem da nave para a capela-mor foi realizado numa peça única, lisa, em granito, com 500cm de comprimento e uma secção quadrada de 31cm de lado. Na sacristia utilizou-se novamente o soalho, com tábuas de comprimento único, com 292cm de comprimento, com 4cm de espessura e 22cm de lado.

Pavimento da nave em madeira de pinho manso nacional.

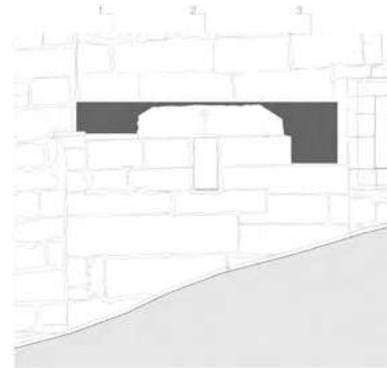
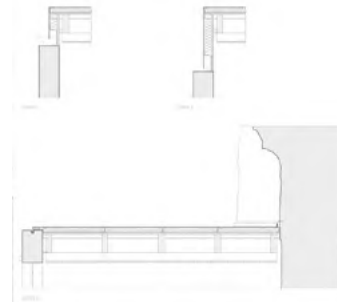
Pavimento da capela-mor em granito.

Coberturas

Teto da nave.

A ruína determinou a realização das coberturas da nave e capela-mor em duas águas, não fazendo sentido fazê-lo de outra forma. A estrutura deveria ser em madeira, porque era a que melhores relações estabelecia com os restantes materiais da Igreja e a mais aconselhável estruturalmente. A construção da estrutura dos madeiramentos apoia-se na repetição, com espaçamento de 25cm, de asnas simples constituídas por duas pernas e uma linha colocada a eixo dessas pernas, apoiadas em frechais, assentes nos coroamentos das paredes laterais. Este sistema permite que a estrutura se adapte às larguras variáveis das plantas da nave e capela-mor. Utilizou-se o castanho nacional do Minho na realização destes madeiramentos, nomeadamente no forro que cobre todo o intradorso do telhado.

Pormenor da cobertura da nave.

A cobertura da sacristia, por outro lado, a ser realizada em duas águas interferiria com a cornija da capela-mor, pelo que se optou por manter a ruína e utilizar aço corten-a na realização de uma cobertura plana, realçando o cubo simples que caracteriza este volume mais recente da construção e deixando visível toda a cornija e respetivos cachorros de apoio da capela-mor. O seu interior é revestido a madeira de pinho manso com tábuas de 2cm de espessura e largura e comprimento idênticos ao soalho do pavimento.

Alçado da sacristia.

Pormenor da cobertura plana da sacristia.

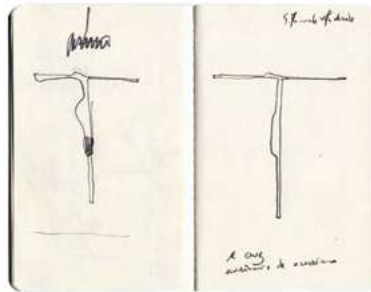
Mobiliário

Dado o estado de ruína em que foi encontrado o edifício, houve que desenhar todo o mobiliário de apoio e litúrgico da nova Igreja. Elegeu-se a madeira de castanho como material principal a utilizar na construção desse mobiliário. O seu desenho funciona como tributo a diversos autores do panorama da arquitetura, que também insistem no ato de construir como um dos objetivos a alcançar, transparecendo do material atitudes poéticas. É o caso do desenho do ambão, sacrário, altar, cadeiras dos celebrantes e a cruz, bem como o espaço límpido que a cor branca do interior oferece na Igreja de Santa Maria, no Marco de Canaveses, de Álvaro Siza Vieira, e na Igreja do Corpo de Cristo, em Aachen, na Alemanha, de Rudolf Schwarz. Ou, a relação e desenho que o mobiliário da plateia estabelece com o madeiramento da cobertura e com o pavimento, na Capela de São Bento, em Somvix, na Suíça, do arquiteto Peter Zumthor, evocando memórias da tradição construtiva da região no desenho contemporâneo da Capela. Ou ainda, a presença simples e densa da arquitetura de Luis Barragán, e novamente, a continuidade da tradição no desenho da cruz, do altar e do retábulo, e a forma como o ouro ressalta no espaço da Capela dos Capuchinhos, no México.

Cruz dourada.

Pia batismal.

Bancos e genuflexórios.

Reentrância dourada do altar.

Esquissos de conceção da cruz e armadura suspensa da capela-mor.

Mobiliário da capela-mor.

Arcaz da sacristia.

E, assim, se desenharam os móveis da Igreja de São Mamede de Vila Verde. O altar monolítico em granito, o sacrário apoiado numa tábua que regulariza o soco da parede fundeira, o banco dos celebrantes que também se apoia na saliência da parede, os bancos dos fiéis que permitem uma circulação central ou lateral, consoante se afastem ou encostem ao centro, e o arcaz que preenche uma parede da sacristia. A utilização pontual da folha de ouro no mobiliário litúrgico pretende criar uma interação, sempre imprevisível, destes elementos com o espaço. Também a cruz, realizada em pau-preto, recebe uma lâmina de ouro e o seu desenho, que foi simplificado ao longo de várias fases, denuncia, pela ausência, a presença humana, nos leves contornos que contém.

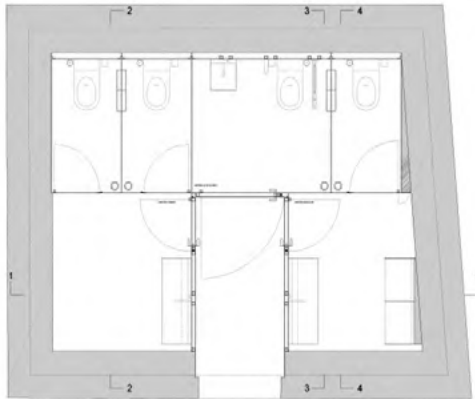
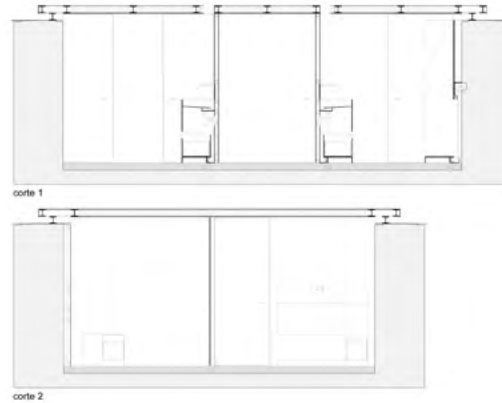
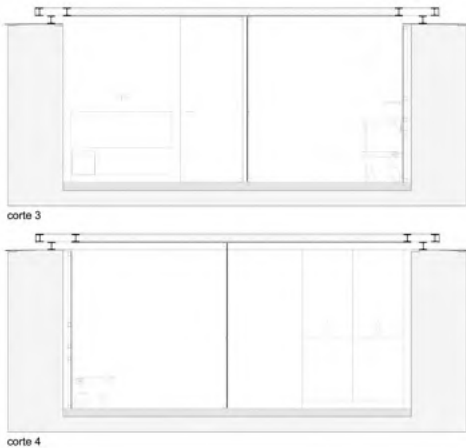
Acessos

Desenhou-se um pequeno adro defronte da Igreja, que não existia, em blocos de granito, lisos, em clara relação com as pedras que constituíam os muros da Igreja, assim como com os dois túmulos escavados em pedras monolíticas que ali se encontravam. Lateralmente, realizou-se o acesso, com degraus monolíticos de granito com dimensões iguais aos dos blocos que compõem o adro. Os acessos secundários são realizados em solo-cimento, com terra dali, como se de percursos em terra batida realizados pelo contínuo calcorrear das pessoas pelo campo se tratassem.

A Igreja assente nas pedras que formam o adro.

Percursos laterais em solo-cimento de ligação ao adro.

Cortes de gado

O programa previa a realização de sanitários para apoio à Igreja. A solução óbvia foi utilizar as ruínas das cortes do gado para os albergar. Utilizou-se o aço corten-a na cobertura, à semelhança da sacristia, embora aqui com a finalidade de criar uma lâmina visitável, assente no terreno defronte do alçado sul da Igreja, proporcionando uma abertura visual para o espelho de água, criado defronte da mina de água, e para a ruína da casa do padre que foi consolidada. As divisórias e mobiliário interior dos sanitários foram realizados também neste material.

Planta dos sanitários de apoio à Igreja.

Corte 1 e 2 da planta dos sanitários.

Corte 3 e 4 da planta dos sanitários.

Alçado dos sanitários.

Arranjos exteriores

Os arranjos exteriores consistiram na valorização da mina de água existente e na plantação de um prado e algumas espécies arbóreas que contribuíssem para a construção de um novo bosque, acentuando o culminar da encosta verdejante. Criou-se um desnível na zona da nascente da água para estabilizar a cota de acesso aos novos sanitários, enquadrar a ruína da casa do padre e a mina de água. Esse desnível fez-se através da construção de um muro em taipa, uma construção arcaica que pode ser construída na nossa latitude. Constituiu um desafio para o construtor civil retomar este sistema construtivo novamente. Os 50cm de espessura do muro foram realizados como uma parede de betão, numa cofragem de madeira. Os talos de palha juntamente com o saibro argiloso formaram uma argamassa, que foi pisada por camadas. O topo do muro foi coberto com uma placa de aço corten para impedir a infiltração de água. As camadas de terra permanecem visíveis nos seus vários tons de castanho, que variam conforme a hora do dia e da estação do ano, mostrando uma imagem mutável animada de cor. Ele funciona como um corte no terreno natural, tornando-se portador de uma imagem normalmente oculta da terra, e contrasta com os verdes do prado e as pedras da ruína. O reflexo da superfície de água escura, que toca apenas o bordo do vermelho oxidado de aço das tinas de água, funciona como um espelho sem moldura no jardim, um sismógrafo que regista a vivacidade da envolvente.

O projeto estabeleceu uma relação objetiva dos materiais com os sistemas construtivos, uma redução aos objetos e às coisas em si mesmos, ao material, à construção, ao que sustém e ao que é sustido, à terra e ao céu, porque confio nestas coisas primitivas que constituem a arquitetura.

Mas também são os espaços da sua envolvente, onde procuro que sejam eles o configurador espacial do conjunto arquitetónico, e daí a execução do início dos arranjos exteriores à Igreja, mas também, de novo, a forma que escava esses espaços exteriores e interiores, os seus vazios, a sua luz, o seu ar, o seu odor, a sua capacidade de receção e ressonância.

Estas foram algumas das questões, preocupações e resoluções que o projeto e acompanhamento da obra de conservação e valorização da Igreja de São Mamede de Vila Verde levantaram, factos que considerei merecerem ficar registados neste texto.

Bica de água.

Tina de água e restantes arranjos exteriores depois das obras.

Muro de taipa e tina de água.

Poldra na tina de água de acesso ao quadro de redes.

Bica de água da mina.

JOAQUIM INÁCIO CAETANO

As pinturas murais

A primeira notícia sobre as pinturas murais da Igreja de São Mamede de Vila Verde decorre da leitura de um artigo de Pais da Silva[1] de 1993, onde refere as pinturas, identificando duas campanhas pictóricas e propondo a identificação da figura central da parede fundeira da capela-mor como São Mamede, devido à representação de uma cabeça de bovídeo e de uma ovelha junto às pernas da figura, único elemento remanescente do santo representado. Refere também a existência de outra figura na camada pictórica subjacente, "… um prelado com mitra e báculo, de face oval e ar melancólico, sentado em atitude estática e severa num trono de configuração arquitectónica". O autor dá ainda conta da existência de outros fragmentos de pintura nos alçados laterais, quer da capela-mor quer da nave, que corresponderiam a composições decorativas.

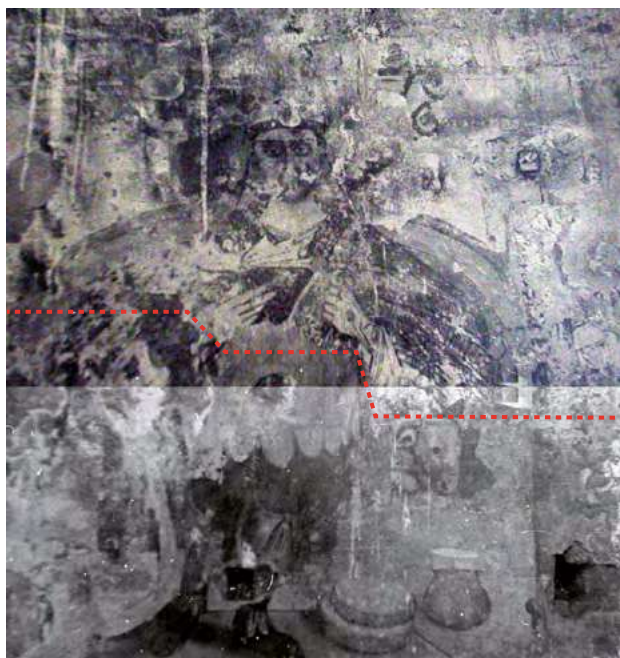



Imagem resultante da colagem de duas fotografias pertencentes ao arquivo da Câmara Municipal do Porto. Nesta imagem pode observar-se a sobreposição das duas camadas de reboco correspondentes às duas campanhas pictóricas. A parte acima do ponteado vermelho corresponde à primeira campanha pictórica e a parte abaixo à segunda, sendo, portanto, mais recente.

Na primeira visita que fizemos, em 2000, pouco vimos do que era descrito neste artigo. A ruína era maior e o espaço interior deste templo estava completamente invadido por plantas e lixo. No entanto, apercebemo-nos que os vestígios de pintura existentes eram importantes, não tanto pelo seu valor estético, mas pela informação que trariam para o conhecimento da produção da pintura a fresco quinhentista nesta região.

Aspeto exterior da Igreja antes da intervenção.

1 SILVA, Jorge Henriques Pais da – "Notícia de uma Igreja Românica do Noroeste: S. Mamede de Vila Verde (Felgueiras)". In *Páginas de História de Arte*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. Vol. II, pp. 45-51. Este artigo foi apresentado anteriormente, como comunicação ao IV Colóquio Portuense de Arqueologia, em 1965.

São Bento. Pormenor da pintura mural da parede fundeira da Igreja de São Mamede de Vila Verde.

A intervenção nas pinturas murais

Aspeto da parede fundeira da capela-mor durante a primeira fase de intervenção.

A intervenção de conservação das pinturas fez-se em duas fases[2]. A primeira, em 2004, consistiu na remoção de plantas, líquenes e outros infestantes que cobriam os rebocos pintados, de modo a avaliar-se com rigor a extensão da pintura remanescente e a sua importância. Só com estes dados se poderia programar a sua conservação e restauro, integradas no programa de reabilitação do edifício, como veio a acontecer.

Com esta intervenção, confirmámos a noção que tínhamos da importância destes fragmentos de pintura. Como descreveremos mais adiante, é possível atribuir a autoria destas pinturas a oficinas anteriormente identificadas e, assim, alargar o conhecimento da produção de pintura mural no século XVI, nesta região.

A segunda fase da intervenção decorreu no ano de 2006, já com o edifício recuperado e com cobertura, tendo sido desenvolvidos todos os trabalhos necessários à conservação dos rebocos pintados e à melhoria da sua leitura. Tendo em conta a situação fragmentária da pintura remanescente, optou-se por não fazer qualquer reintegração cromática e, relativamente às zonas do aparelho onde não existia pintura e de acordo com o autor do projeto, foi aplicado um barramento de cal ligeiramente tonalizada e com uma carga fina de modo a uniformizar a leitura dos paramentos.

Aspeto da parede fundeira da capela-mor após a conclusão dos trabalhos.

2 Trabalho realizado pela empresa Mural da História, Lda.

As pinturas: enquadramento na produção oficinal da região

As pinturas encontram-se na capela-mor e na nave. Na capela-mor, identificam-se, como referimos anteriormente, duas campanhas pictóricas. O reboco correspondente à primeira, de inícios de 1500, reveste quase totalmente a parede fundeira, estando a pintura organizada em dois registos. No inferior estão representadas as figuras de três santos: dois monges, que pelos seus atributos, báculo e mitra, serão São Bento e São Bernardo, ladeiam

Planta do edifício com localização das pinturas.

Primeira campanha pictórica (1507 – 1525)
Segunda campanha pictórica (1535 – 1549)

uma figura central impossível de identificar, pois pouco resta do reboco original nesta zona, mas que, provavelmente, seria São Mamede. No registo superior existe uma composição decorativa de elementos vegetalistas que envolve um escudo de armas onde ainda se conseguem identificar alguns elementos – do lado direito, um xadrez preto e branco e, do lado esquerdo, várias cruzes de cor vermelha. Cada um dos elementos desta composição, figuras e composição decorativa, é rematado por uma moldura em forma de fita espiralada.

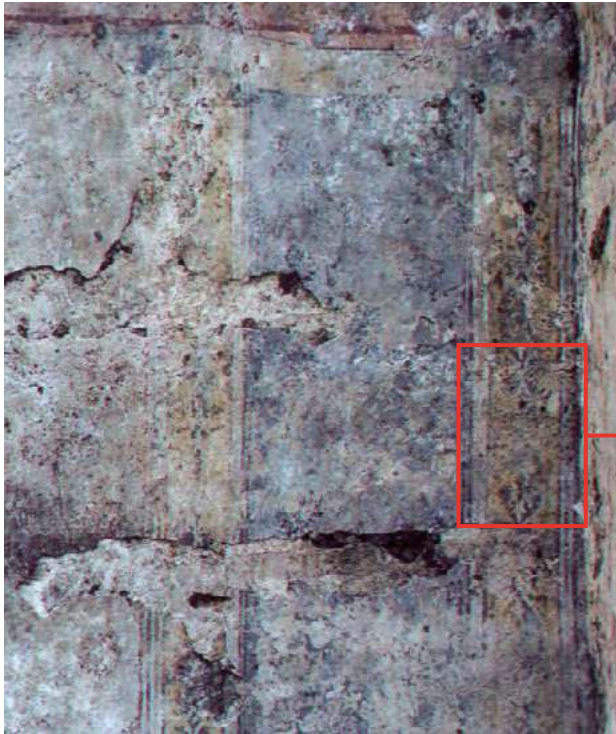
Figuras de São Bento e São Bernardo no registo inferior da primeira campanha pictórica.

Esta pintura é atribuível, como já tínhamos constatado em análise anterior por observação de alguns elementos visíveis, à oficina que designámos por Oficina II do Marão[3] ou do Mestre de 1510[4] que pintou em várias igrejas desta região[5], denotando assim uma intensa atividade oficinal neste período. Além dos elementos decorativos semelhantes aos das outras pinturas (barra com enrolamento, composição decorativa vegetalista), é o próprio esquema da composição que é igual ao da pintura da Igreja de Santa Marinha de Vila Marim – dois registos, aparecendo, no registo inferior, São Bento e São Bernardo a ladearem o orago da Igreja representado na zona central da composição.

3 CAETANO, Joaquim Inácio – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Edições Aparição, 2001; CAETANO, Joaquim Inácio – *Motivos decorativos de estampilha na pintura a fresco dos séculos XV e XVI no Norte de Portugal: relações entre pintura mural e de cavalete*. Dissertação de Doutoramento em História na especialidade Arte, Património e Restauro no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011. 2 Vols. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2829

4 Designação adotada por AFONSO, Luís Urbano de Oliveira – *A pintura mural entre o Gótico Internacional e o fim do Renascimento: formas, significados, funções*. Dissertação de Doutoramento em História (História da Arte), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2006. 3 Vols.

5 Além das existentes nesta Igreja estão identificadas pinturas desta Oficina nas Igrejas de Santa Marinha de Vila Marim, Vila Real, Vila Real; de São Nicolau de Canaveses, Marco de Canaveses, Porto; do Salvador de Freixo de Baixo, Amarante, Porto; de Santo André de Telões, Amarante, Porto; de São Martinho de Penacova, Felgueiras, Porto; do Salvador de Bravães, Ponte da Barca, Viana do Castelo; de São Cristóvão de Lordelo, Felgueiras, Porto; e de São Pedro de Sapiãos, Boticas, Vila Real. Destas duas últimas conhece-se apenas a documentação, pois já não existem.

Escudo de armas no registo superior da primeira campanha pictórica.

Parede norte da capela-mor e pormenor da mesma parede, respetivamente, onde se observa uma barra decorativa executada com estampilha.

Sobre esta camada existem vários fragmentos de reboco pintado correspondentes a uma segunda campanha pictórica. Esta campanha estende-se pelas paredes norte e sul da capela-mor até cerca de 2m para cada lado. A pintura remanescente, apesar de ter pouca leitura, dá-nos informação suficiente para que possamos comparar esta pintura com outras conhecidas. Na zona central da parede fundeira, num fragmento maior onde se observa parte de uma legenda que deveria identificar o orago da Igreja, provavelmente São Mamede, como sugere Pais da Silva, o tipo de letra usado remete-nos para outras pinturas conhecidas nesta região atribuídas à oficina do Mestre Arnaus[6]. A hipótese de esta pintura fazer também parte do *corpus* desta oficina, é reforçada pela existência de um elemento decorativo, batido com estampilha, nas barras de fundo ocre das composições

6 Obra citada nas notas 3 e 4. Além das existentes nesta Igreja estão identificadas pinturas desta oficina nas Igrejas de Santa Marinha de Vila Marim, Vila Real, Vila Real; de São Tiago de Folhadela, Vila Real, Vila Real; de Santa Maria de Pombeiro, Felgueiras, Porto; de São Paio de Midões, Barcelos, Braga; do Salvador de Fontarcada, Póvoa de Lanhoso, Braga; de Santa Maria de Ermelo, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo; de São Romão de Arões, Fafe, Braga; de Santa Leocádia de Geraz do Lima, Viana do Castelo, Viana do Castelo; e na Ermida da Nossa Senhora do Vale, Paredes, Porto. A atribuição destas três últimas é feita por Luís Afonso.

das paredes laterais que imitam um pano de armar, cujo desenho é igual a outros existentes nas pinturas da Igreja do Mosteiro de Pombeiro e de Santa Maria de Ermelo. Também o desenho das barras de fundo cinzento, apesar de não ser igual, é semelhante a outros usados por esta oficina nas Igrejas referidas e ainda em Vila Marim.

Temos, portanto, duas campanhas pictóricas na capela-mor. A primeira, que revestia integralmente a parede

Padrões estampilhados usados nas Igrejas de São Mamede de Vila Verde (dois primeiros), de Santa Maria de Pombeiro e de Santa Marinha de Vila Marim.

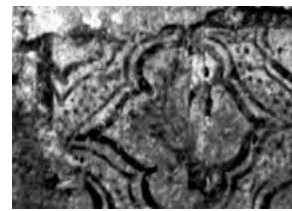
Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro. Pormenor de barra decorativa executada com a mesma estampilha da Igreja de São Mamede de Vila Verde.

fundeira, é datável do primeiro quartel de quinhentos. A segunda, que será do segundo quartel do século XVI, cobria a pintura da primeira campanha, estendendo-se por toda a parede fundeira, da qual existem apenas alguns fragmentos, e continua pelas paredes laterais. Nestas paredes, o reboco ainda se encontra em quantidade e com definição suficiente para perceber que se tratam de composições decorativas com intenção ilusionista, uma de cada lado, a imitar panos de armar, onde não falta a imitação da franja de remate inferior.

Na nave, nas paredes norte e sul junto à parede do arco triunfal, numa largura de cerca de 1,5m e a toda a altura das paredes, existia uma pintura decorativa de repetição de elementos com forma de quadrifólio em tons de vermelho e preto, criando um efeito de tapete decorativo. Esta área decorada não se encontra, atualmente, com a totalidade do reboco correspondente à pintura. Existe, numa situação semelhante nas duas paredes, um grande fragmento junto ao solo, seguido de uma zona intermédia, onde já não existe reboco e, na parte superior da parede, outra zona rebocada com vestígios da pintura decorativa. Estes fragmentos fazem parte da primeira campanha pictórica anteriormente referida, pois estes quadrifólios aparecem também em algumas das pinturas pertencentes à Oficina II do Marão[7]. De referir que na parede norte da nave, envolvida pela decoração de quadrifólios, percebe-se a existência de uma figura, da qual apenas existem alguns vestígios que não permitem qualquer identificação.

Na parede do arco triunfal, do lado do Evangelho, num dos fragmentos de reboco aí existentes notam-se leves vestígios de cor que deveriam corresponder a uma pintura localizada nessa área.

De registar a existência, na zona inferior da parede sul, de um pequeno fragmento de barras verticais coloridas divididas por traço negro que é anterior à campanha dos quadrifólios.

7 Os quadrifólios aparecem como padrão de tapetes decorativos nas Igrejas de São Mamede de Vila Verde; de São Martinho de Penacova; do Salvador de Bravães; de Santa Marinha de Vila Marim; de São Nicolau de Canaveses; de Santo André de Telões; do Salvador de Freixo de Baixo e de São Cristóvão de Lordelo (destas duas últimas já só existe a documentação).

Pormenores das decorações de tapetes decorativos com quadrifólios das Igrejas de São Mamede de Vila Verde; de São Martinho de Penacova; do Salvador de Bravães; de Santa Marinha de Vila Marim; de São Nicolau de Canaveses; do Salvador de Freixo de Baixo e de São Cristóvão de Lordelo (destas duas últimas já só existe a documentação).

Pormenor da pintural mural da nave da Igreja de São Mamede de Vila Verde.

As pinturas e os seus encomendantes

Apesar de não termos um nome associável à autoria das pinturas, elas estão perfeitamente identificadas enquanto exemplares pertencentes ao *corpus* de duas oficinas que trabalharam neste período nesta região. Podemos, no entanto, tentar perceber quem são os seus encomendantes.

Segundo Paula Bessa[8], o brasão existente na pintura correspondente à primeira campanha e localizado no registo superior da parede fundeira, pertence ao Abade de Pombeiro, D. João de Melo, tal como os existentes nas Igrejas de Santa Marinha de Vila Marim e de São Martinho de Penacova. A existência de brasões heráldicos nas pinturas deste período está associada, habitualmente, ao seu encomendante. Assim, estas pinturas terão sido realizadas durante o período correspondente ao seu abaciado, 1507 a 1525.

Relativamente à segunda campanha, apesar de não haver nenhum atributo heráldico, a autora citada atribui a encomenda ao Abade D. António de Melo, filho de D. João de Melo, uma vez que a campanha pictórica de Vila Marim à qual podemos associar esta pintura, e identificada como fazendo parte da produção do Mestre Arnaus, tem um brasão de D. António de Melo[9]. Tendo em conta o que sabemos sobre a produção desta oficina, com a existência de duas pinturas datadas, a da Igreja de São Paio de Midões, de 1535, e a da Igreja de Santa Marinha de Vila Marim, de 1549, podemos remeter para este período a data de execução das pinturas de Vila Verde.

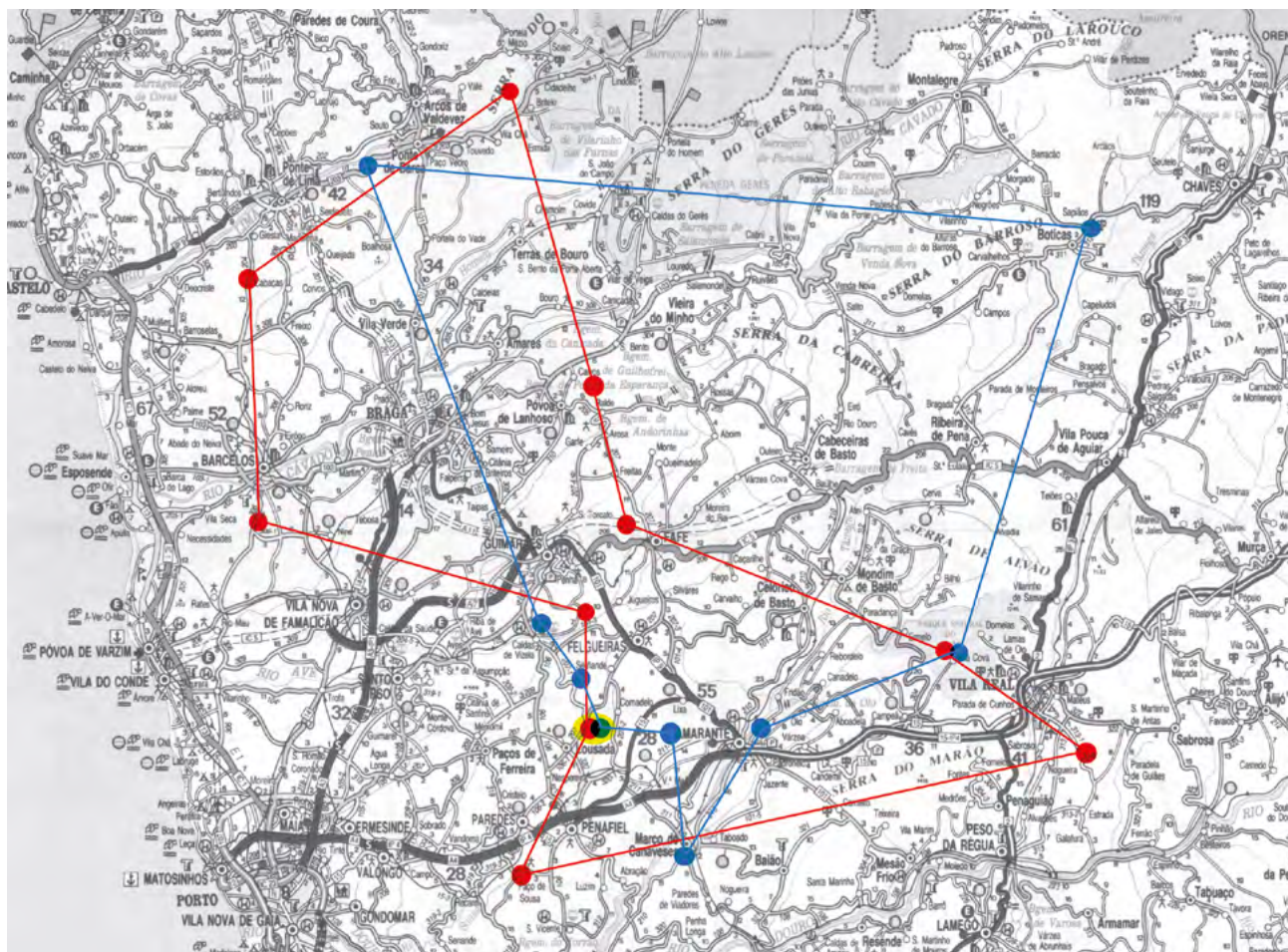
A existência de duas campanhas pictóricas sobrepostas, com intervalos inferiores a 50 anos, não é uma situação inédita. Acontece em Vila Verde e também em Vila Marim, cremos que por motivos de modernização e não de alteração iconográfica, uma vez que são representadas as mesmas figuras nas duas campanhas. Tendo em conta que as pinturas não chegaram até nós no seu estado original, é possível que esta situação tenha acontecido também noutras igrejas onde subsistem pinturas de uma destas duas oficinas.

Além do aspeto cultual e decorativo ligado a estas encomendas de pintura mural, não podemos ignorar que haverá também motivos de afirmação de poder[10] por parte dos mecenas, neste caso os abades de Pombeiro, mostrando o seu conhecimento e gosto por este tipo de arte que não tinha grande tradição entre nós até finais do século XV. Daí também a razão de ser da sua renovação, por encomenda de novos programas que estivessem

8 BESSA, Paula Virgínia de Azevedo – *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*. Dissertação de Doutoramento em História, Área de Conhecimento de História da Arte, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Setembro 2007. 3 Vols , Anexo I, pp. 433-440.

9 BESSA, Paula Virgínia de Azevedo – "Pintura Mural em Santa Marinha de Vila Marim, S. Martinho de Penacova, Santa Maria de Pombeiro e na Capela Funerária anexa à Igreja de S. Dinis de Vila Real: parentescos pictóricos e institucionais e as encomendas do Abade D. António Melo. Separata de *Cadernos do Noroeste*. Série História 3, 20 (1-2) (2003) 67-95.

10 Sobre este assunto ver também: AFONSO, Luís – "Ornamento e ideologia: análise da introdução do grotesco na pintura mural quinhentista". In *Guerra, Religião, Poder e Cultura: Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 1999. Vol.II, pp. 305-340; BESSA, Paula – "D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da igreja de S. Salvador de Bravães". Separata de *Revista da Faculdade de Letras*. I Série, vol. 2 (2003) 757-781.

de acordo com as novas gramáticas decorativas e com o surgir do gosto ao romano. Tratar-se-ia de encomendas de conjunto, à mesma oficina, para as igrejas sob a jurisdição deste Mosteiro, o que poderá explicar a concentração de igrejas com pintura mural na região de Pombeiro, como podemos observar no mapa.

Localização das Igrejas correspondentes à produção da Oficina II do Marão • e da Oficina do Mestre Arnaus • e respetivas áreas de atuação. O círculo • corresponde à Igreja de São Mamede de Vila Verde.

LUÍS FONTES

Da arqueologia da arquitetura

Como é amplamente reconhecido pela generalidade dos estudiosos e dos agentes culturais, a compreensão dos valores e significados veiculados pelos monumentos arquitetónicos só se alcança por via do conhecimento histórico – isso mesmo subjaz às recomendações das Cartas e Convenções internacionais relativas à intervenção no património arquitetónico.

Por outro lado, tal como é generalizadamente aceite no âmbito das ciências sociais e humanas, não se produz conhecimento histórico válido sem os contributos da história e da arqueologia. Esta última é particularmente indispensável porque, na ausência ou escassez de documentação escrita, é através da arqueologia que se recolhe, regista e analisa as expressões materiais da ocupação humana dos territórios no passado, permitindo elaborar interpretações sobre os significados polissémicos dos diferentes tipos de vestígios arqueológicos.

Consequentemente, o desenvolvimento de programas e projetos integrados de valorização e de aproveitamento dos monumentos arquitetónicos deve contemplar o contributo das especialidades de história e de arqueologia, com vista a produzir conhecimento que sirva, quer para informar a elaboração dos projetos de intervenção, minimizando eventuais impactes negativos, quer para identificar elementos arquitetónicos que enriqueçam essa intervenção ou ainda para suportar a produção de conteúdos de divulgação pública alargada.

Assim se fez na Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras, a qual, no quadro do programa de valorização patrimonial da Rota do Românico do Vale do Sousa e em parceria com a ex-Direção Regional de Edifícios e Monumentos do Norte, foi objeto de um projeto de restauro e valorização, que contemplou um estudo de arqueologia da arquitetura, prévio à execução das obras.

Realizado por uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o estudo de arqueologia da arquitetura da Igreja de São Mamede de Vila Verde foi efetuado nos anos de 2004 e 2005.

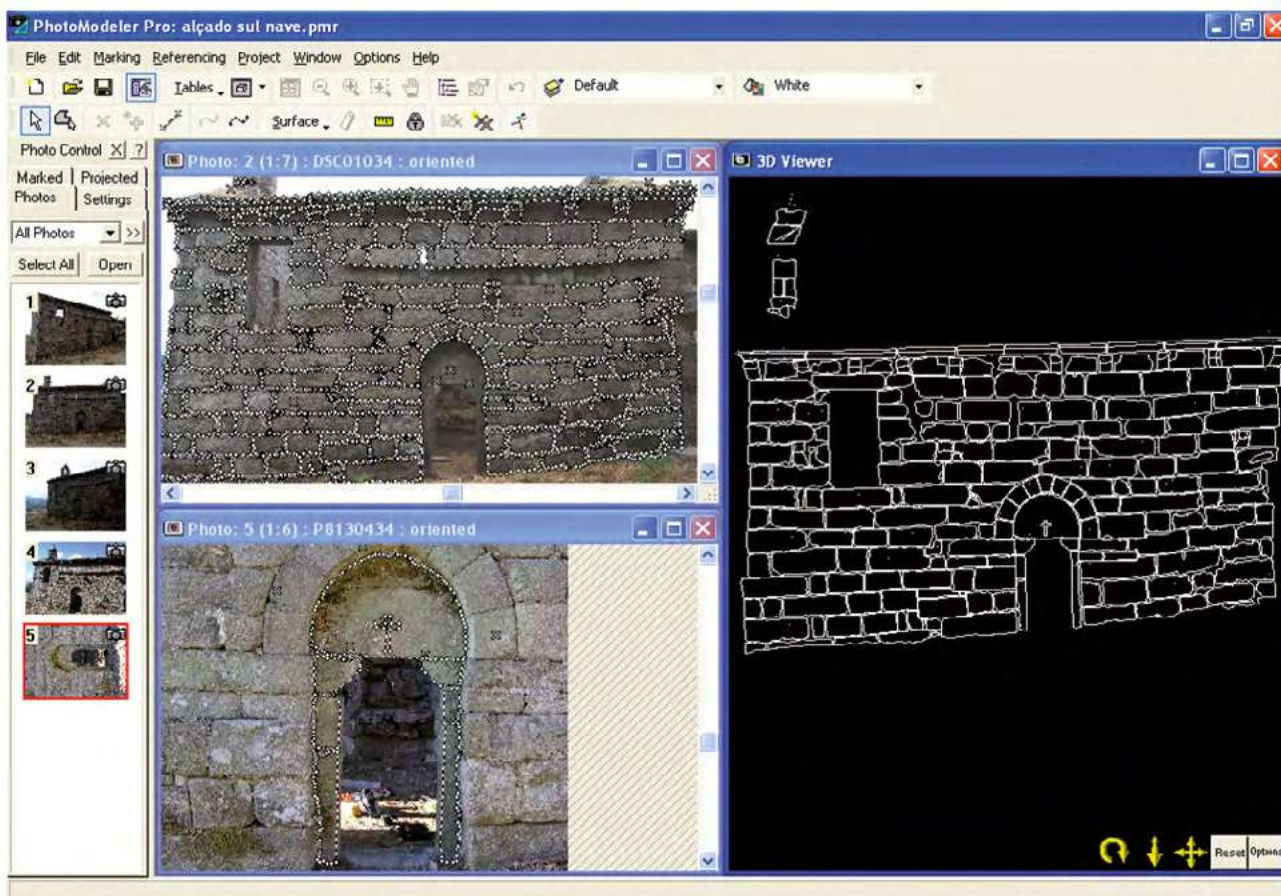
Numa primeira fase realizou-se o levantamento e análise estratigráfica dos alçados e, numa segunda fase, executaram-se escavações no interior da capela-mor, no sentido de obter dados que ajudassem a avaliar o impacte arqueológico da obra e, assim, informar o respetivo projeto. Os relatórios da intervenção arqueológica foram oportunamente aprovados pelas entidades da tutela e foram já objeto de diversas publicações (Fontes, Machado e Catalão 2004, 2010; Fontes *et al.*, 2006; Fontes e Catalão, 2008).

Campanha de escavações arqueológicas na Igreja de São Mamede de Vila Verde.

Registos fotográficos para restituição fotogramétrica.

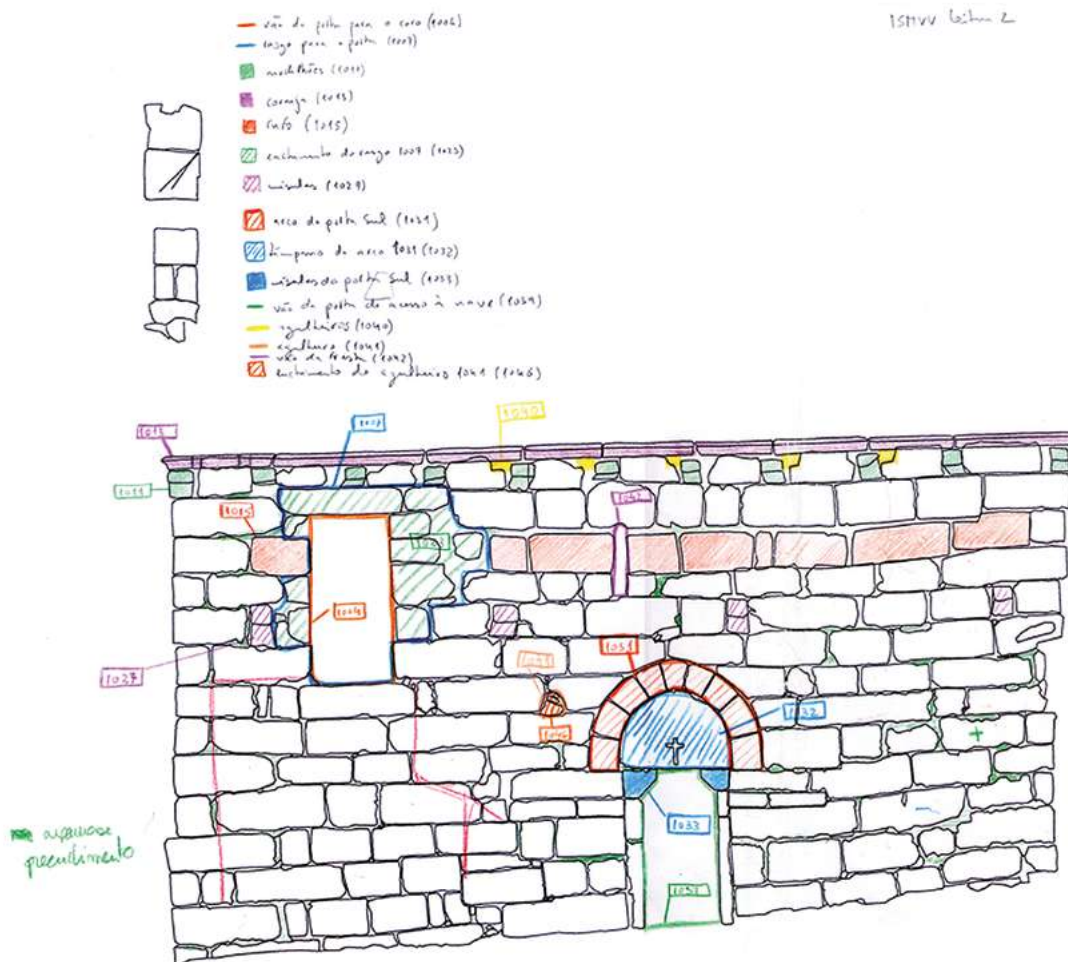
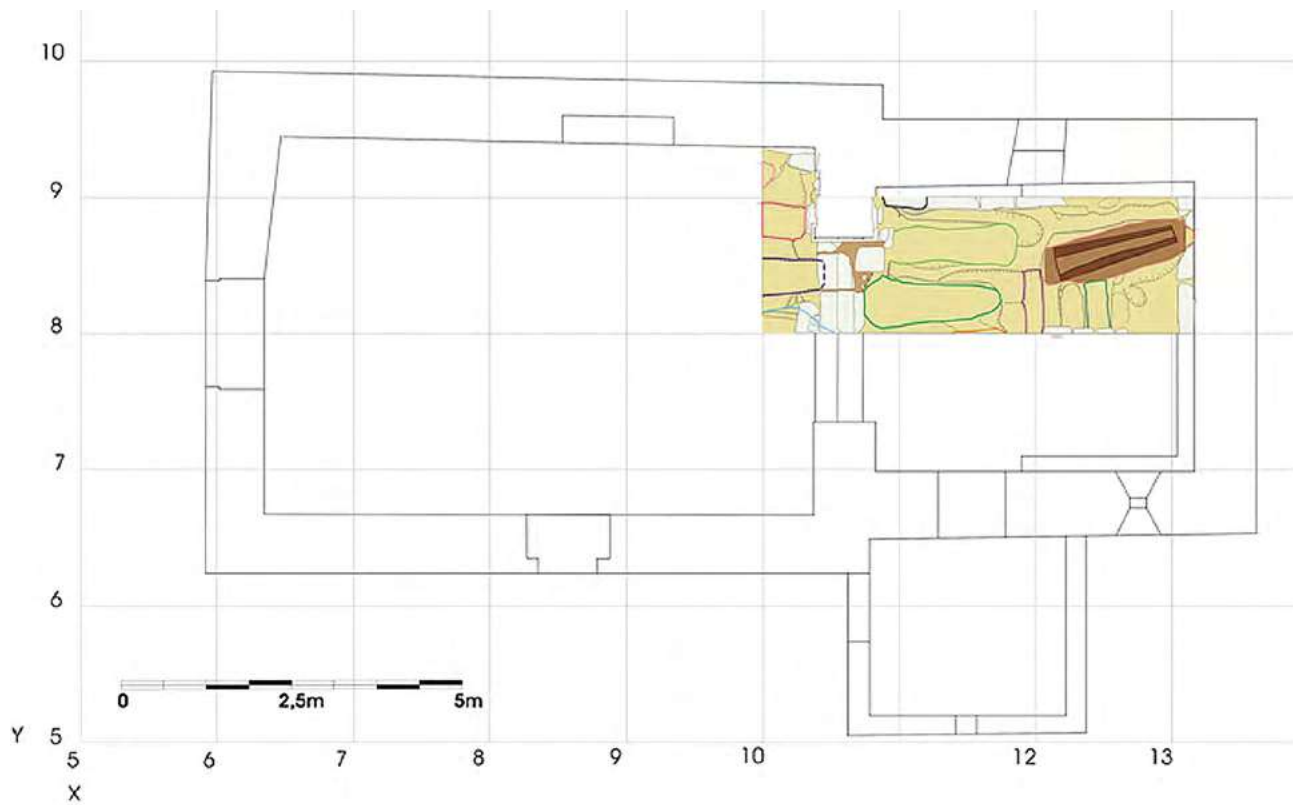
Objetivos e metodologias

Com a leitura estratigráfica dos alçados e sua análise pretendia-se elaborar uma proposta de interpretação da evolução arquitetónica do edifício, a qual, cruzada com os estudos de outras especialidades, se deveria constituir como conhecimento base de referência para toda e qualquer intervenção nova no monumento.

Para além da habitual pesquisa bibliográfica sobre o monumento, efetuou-se o levantamento fotográfico sistemático e detalhado da construção, a partir do qual se fizeram os desenhos de todos os alçados por restituição fotogramétrica, com base na ferramenta informática PhotoModeler, podendo ser representados à escala 1:1.

Processo de restituição fotogramétrica com PhotoModeler.

Sobre desenhos à escala 1:50, procedeu-se depois à identificação dos diferentes contextos construtivos (unidades mínimas com características construtivas uniformes e limites definidos), que se delimitaram nos desenhos e descreveram em fichas apropriadas. A caracterização das fases construtivas foi feita com base na observação direta e detalhada dos alçados, beneficiando-se do facto de parte significativa das paredes terem perdido os revestimentos ou, como acontece no exterior, aparentar nunca os ter tido.

Efetuou-se, em seguida, uma primeira integração da informação, isolando as principais fases construtivas para o conjunto do edifício, que se caracterizaram tendo em atenção os seguintes descritores principais: posição na sequência estratigráfica; materiais e técnicas construtivas; forma e/ou planta; elementos arquitetónicos decorativos e filiação do estilo artístico; proposta de cronologia.

Numa segunda fase de análise, fez-se a integração dos dados da leitura estratigráfica dos alçados com os dados proporcionados pela escavação arqueológica efetuada no interior da Igreja.

Planta arqueológica da Igreja de São Mamede de Vila Verde.

Registos da escavação arqueológica.

Processo de leitura estratigráfica de alçado.

FASE I

Corresponde à edificação original, em cantaria de blocos graníticos de forma geral paralelepipédica, esquadrados sem especial cuidado e montados em fiadas horizontais regulares, elevando, com ressaltos, paredes de dupla face ou paramento, com miolo preenchido por cascalho, calhaus e argamassa saibrosa. O aparelho, pseudo-isódomo, apresenta juntas horizontais quase secas e juntas verticais irregulares, também secas. Observam-se algumas alterações de alinhamentos de fiadas, geralmente acertados com recurso a fiadas e/ou blocos de menor altura e que poderão corresponder a fases de obra.

Os blocos graníticos dispõem-se quase sempre longitudinalmente (de peito), alternando a distâncias irregulares, com um bloco colocado transversalmente (de testa), que geralmente atravessa toda a parede ficando, por vezes, saliente da face desta.

A generalidade dos blocos foi rachada e toscamente afeiçoada a picão, percebendo-se um desbaste especialmente orientado para as faces horizontais de assentamento, deixando-se as faces exteriores ligeiramente convexas, sem qualquer outro tratamento.

Contudo, muitos outros apresentam uma esquadria mais perfeita e um tratamento mais cuidado da face, reconhecendo-se nas superfícies mais regulares de algumas das faces, designadamente em todas as que compõem as guarnições dos vãos, um acabamento a cinzel.

Em alguns observam-se os rasgos correspondentes à utilização de cunhas de madeira para o corte. Em nenhuma parte do edifício se identificaram quaisquer siglas ou marcas de canteiro.

Nos vãos originais distinguem-se as frestas, todas em arco de volta perfeita e abertura em capialço (alargam do exterior para o interior), e as portas, a da fachada ocidental em arco de volta perfeita, inscrita na espessura da parede, com tímpano fechado sobre lintel apoiado nas ombreiras e a porta meridional, em arco ligeiramente apontado, também inscrito na espessura da parede, com tímpano fechado sobre lintel apoiado em mísulas salientes das ombreiras.

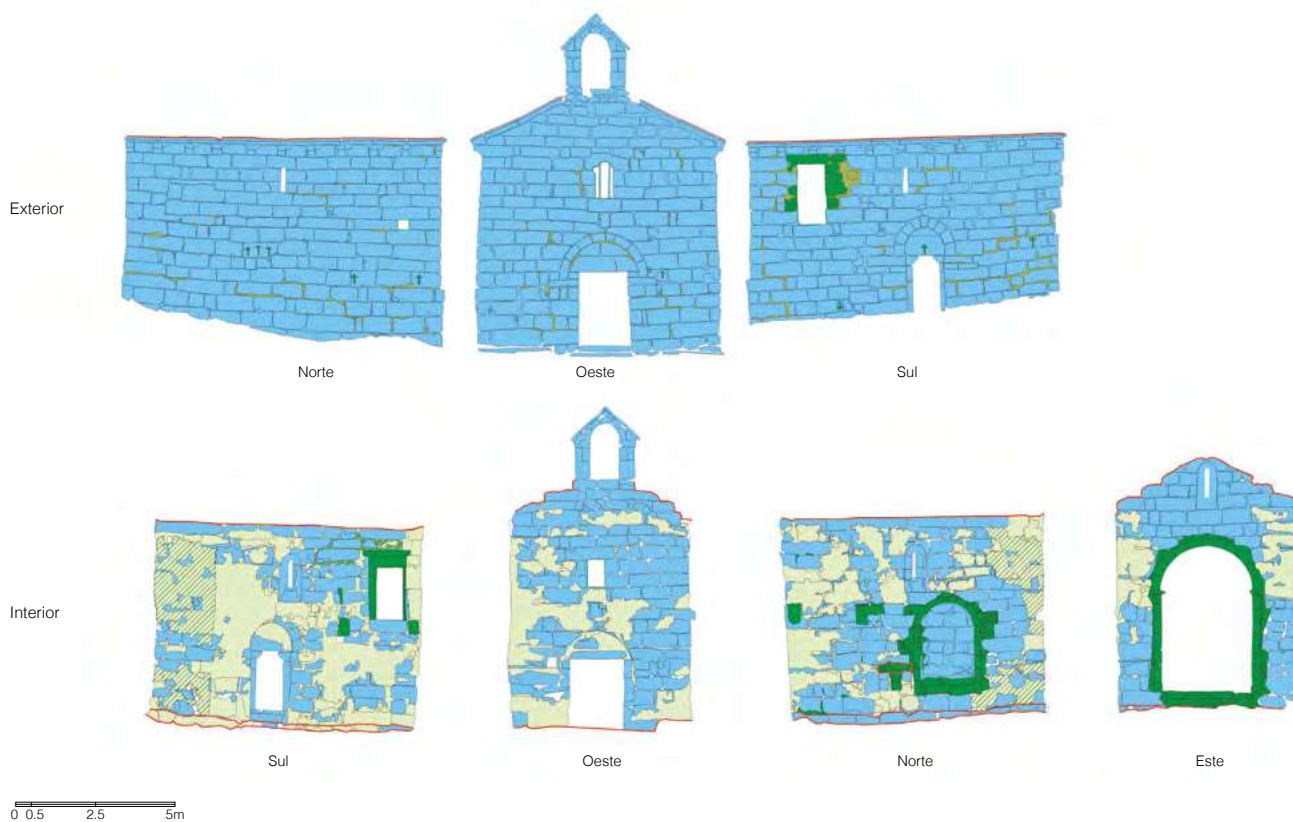
O coroamento das paredes é rematado por uma cornija de secção ligeiramente côncava, apoiada em modilhões lisos, com simples decoração moldurada ou com raros motivos tipo pinha ou rolos. Esta cornija recebia uma cobertura original em duas águas, tanto na nave como na capela-mor, como denuncia a empena triangular, que na fachada ocidental é rematada por um pequeno campanário em arco de volta perfeita com cobertura triangular capeada.

No seu conjunto, o edifício desenvolve-se no sentido oeste/este, compondo uma Igreja de nave retangular e capela-mor quadrada, esta mais pequena e bastante mais baixa, com um balcão interior perimetral, tipo banco e ainda com a particularidade de se implantar a uma cota significativamente mais elevada que a da nave, determinando dois níveis de pavimento distintos.

Salientes na fachada sul da nave conservam-se mísulas e do rufo pétreo da cobertura de um alpendre exterior

conservam-se dois sarcófagos em granito, com tampa monolítica, configurando cobertura a duas águas.

Não conhecemos qualquer documento relativo à fundação da Igreja de São Mamede de Vila Verde. A proposta de uma cronologia para a edificação original do templo terá que se basear nas características técnico-construtivas e estilísticas da edificação.

A forma geral da planta e a sua volumetria, a par dos elementos arquitetónicos e decorativos particulares, como são as cachorradas, as frestas e as portas com arco semicircular ou ainda os sarcófagos, bem como o contexto histórico associável, em que releva a instalação em Vila Verde, no decurso do século XIII, de Mendo de Sousa e família, permitem-nos classificar o edifício correspondente a esta Fase I como um projeto românico tardio de expressão rural, em que parecem cruzar-se influências simultaneamente conservadoras e progressistas, cuja edificação terá decorrido nos finais do século XIII.

Exterior

Norte

Oeste

Sul

Interior

Sul

Oeste

Norte

Este

Interpretação das fases construtivas com base nas leituras estratigráficas dos alçados da nave:

Fase I

Fase II

Fase V

FASE II

Corresponde à primeira e mais significativa remodelação da edificação original, expressa por um conjunto de ações construtivas e decorativas, materializadas quase exclusivamente no interior do templo, onde se identificaram várias alterações.

Na capela-mor:

a) encerramento das frestas da cabeceira e meridional com alvenaria grosseira de cascalho, calhaus, fragmentos de tijolo e de telha e argamassa de cal;

b) abertura de duas janelas retangulares nas paredes laterais: no lado norte, alargando a fresta preexistente, até se obter uma tosca moldura em capialço; no lado sul, rasgando um vão novo entre a antiga fresta e a parede da cabeceira, colocando uma bem acabada guarnição em capialço, com moldura retilínea;

c) abertura de vão de porta, rasgada na parede preexistente, com ombreira e padieira lisas, com moldura exterior retilínea;

d) revestimento das paredes interiores com argamassa de cal, com pinturas nas paredes da cabeceira e nas laterais até às janelas, configurando uma espécie de retábulo pintado. Identifica-se a sobreposição de, pelo menos, um segundo tema pintado.

No arco triunfal:

a) alargamento e elevação do arco triunfal, rasgando-se a parede medieval para colocação do novo arco, semicircular, formado por aduelas altas e estreitas, com moldura lisa saliente a vincar o aro do arco. Assenta, através de imposta muito estreita, tipo friso, mas saliente, em pilares apilastrados, compostos por blocos delgados que parecem prolongar o arco até ao solo. No novo lance de três degraus que vence a passagem do arco triunfal à capela-mor, reutilizou-se uma tampa sepulcral medieval.

Na nave:

a) altar colateral aberto na espessura da parede norte, em arco de volta perfeita, sem qualquer imposta. A parede medieval foi rasgada até metade da sua espessura, ficando à vista o intradorso dos blocos da face externa. O arco é formado por aduelas altas e estreitas, com moldura lisa que acentua o aro, prolongando-se nos laterais apilastrados com o mesmo tipo de peças até ao seu assentamento inferior. Inicialmente mais alto, o nicho foi posteriormente reduzido pela colocação de duas fiadas de blocos na parte inferior;

b) no lado poente do altar acima referido conserva-se a mísula que suportava a bacia pétrea do púlpito (atualmente recolhida numa casa das proximidades). Em granito, está solidamente cravada na parede medieval. Apresenta um perfil em “papo de rola” e laterais moldurados;

c) no topo poente da nave conservam-se os vestígios da existência de um coro alto, materializados no contorno dos rebocos, nos encaixes rasgados nas paredes laterais para fixação da balaustrada, nos largos agulheiros quadrangulares abertos também nas paredes laterais, para apoio das vigas que suportavam um piso sobradado e no vão retilíneo de porta rasgado na parte superior da parede meridional da nave, para acesso direto ao coro a partir do exterior, através de uma escada pétrea adossada ao edifício;

d) revestimento das paredes interiores com argamassa de cal, com pinturas nos topos laterais próximos do arco triunfal.

Embora todas estas alterações arquitetónicas possam ter ocorrido de modo faseado, a sua contemporaneidade construtiva é estabelecida pelo reboco que reveste as paredes, em parte com pintura mural, o qual envolve as molduras das janelas, do arco triunfal e do altar colateral.

Identifica-se entre todas uma clara relação de organização litúrgica de espaços, o que permite considerar a existência de um projeto global de remodelação, visando exatamente adaptar a Igreja de São Mamede de Vila Verde a novos preceitos litúrgicos.

O contexto histórico para esta profunda remodelação do espaço interior da igreja encontra-se na reforma das práticas litúrgicas cristãs, levadas a cabo no ocidente europeu no decurso da segunda metade do século XVI, bem como na circunstância, que consideramos de primeira importância, de ser igreja de apresentação do Mosteiro beneditino de Pombeiro e, portanto, beneficiar dos grandes ciclos de obras que marcaram a reconstrução arquitetónica de quase todos os mosteiros beneditinos, empreendida após a reforma das ordens religiosas e consequente instituição da Congregação dos Monges Negros de São Bento do Reino de Portugal.

Para além deste aspeto ideológico, que fundamentava a necessidade de "abrir" o templo para facultar a visualização dos rituais litúrgicos, em especial da eucaristia, concorrem também para a cronologia de finais do século XVI/inícios do século XVII os dados de caráter iconográfico e técnico-estilístico, como os revelados pelas pinturas murais, pela solução em capialço das janelas ou pela moldura saliente do arco triunfal e do arco do altar lateral da nave, que traduzem uma ambiência estilística classificável adentro do estilo-chão nacional.

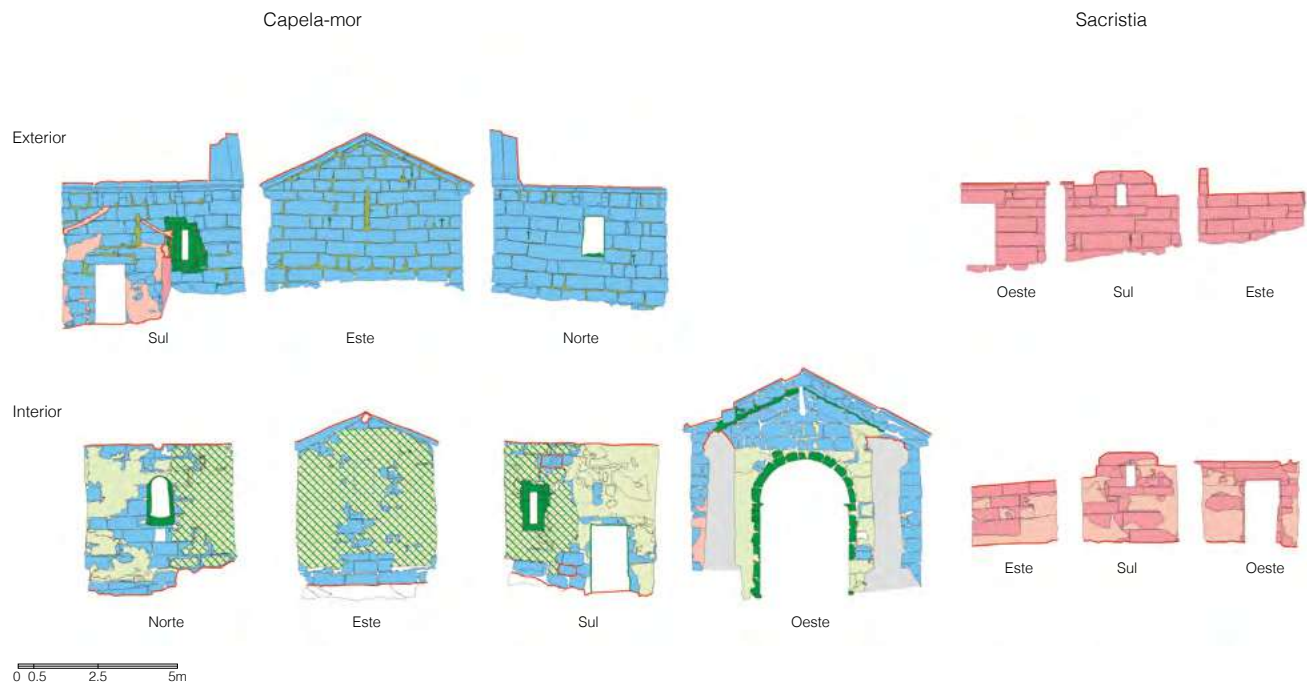
FASE III

Esta terceira fase é estabelecida pela identificação de sobreposição de pinturas murais na capela-mor, testemunhando a renovação da decoração do retábulo pintado do altar-mor. É uma pintura direta sobre a pintura preexistente, sem qualquer nova argamassa de suporte.

Trata-se de um testemunho material que remete para a efetiva utilização cultual do templo, configurando ocupação, que podemos balizar entre os séculos XVII e XIX.

FASE IV

Corresponde à construção da sacristia, adossada contra a fachada meridional da capela-mor. É uma construção com aparelho tipo "perpianho", de lajes graníticas bem esquadradas e faces regulares afeiçoadas a cinzel, montadas em fiadas horizontais regulares, com juntas estreitas fechadas com argamassa de cal. O coroamento das paredes é rematado por uma cornija de secção côncava, na qual assentava uma cobertura telhada de duas águas, como testemunham a empena triangular da parede sul e os vestígios do rufo de cimento no encosto à capela-mor.

Esta construção define um espaço quadrangular, iluminado por uma pequena janela retangular na parede meridional e ao qual se acede, desde o exterior, por uma porta aberta no lado poente, de vão retilíneo de molduras lisas. A ligação com o interior da Igreja faz-se pela porta existente na parede sul da capela-mor, na qual, servindo o interior da sacristia, foi rasgada uma pequena pia de água para abluções.

Interpretação das fases construtivas com base nas leituras estratigráficas dos alçados da capela-mor e da sacristia:

Não conhecemos qualquer referência documental que nos permita adiantar uma data precisa para esta construção. Com base na relação estratigráfica, podemos apenas estabelecer que este acrescento é posterior à abertura da janela moderna da capela-mor. Ponderando estes elementos e as características técnico-construtivas, poderá aceitar-se uma cronologia entre os séculos XVIII e XIX.

FASE V

Corresponde à desativação da Igreja, seu abandono e consequente ruína, processo cujo início podemos situar em torno de meados do século XIX, num período balizado entre a extinção do Mosteiro de Pombeiro, em 1833-34, e a construção da nova Igreja Paroquial de Vila Verde, inaugurada em 1866.

Conclusões

A Igreja de São Mamede de Vila Verde não é, apesar da sua aparente uniformidade, um edifício arquitetonicamente unitário, correspondente à execução de um só projeto construtivo.

Tal como a análise estratigráfica de alçados evidenciou, o edifício revela diversas e significativas alterações arquitetónicas, que testemunham uma sucessiva adaptação do templo às novas exigências de organização dos espaços de culto, determinadas pelas reformas que a Igreja foi conhecendo e que a população de Vila Verde não terá deixado de assimilar.

Por outro lado, as escavações arqueológicas permitiram esclarecer a solução de articulação entre a nave e a capela-mor, confirmando a existência de um desnível original entre um espaço e outro e que o alargamento e elevação do arco triunfal não se traduziram em qualquer alteração ao nível das cotas dos pisos.

Permitiram igualmente confirmar o profundo e quase total revolvimento do subsolo da Igreja, traduzido no aterro contemporâneo das cavidades sepulcrais modernas, na sequência da trasladação dos restos dos enterramentos para o novo cemitério da freguesia, cerca de meados do século XX, bem como no desmonte do altar e repavimentação parcial da capela-mor com elementos reutilizados, incluindo partes do maciço correspondente à mesa do altar tardo-medieval.

Por tudo isto, a Igreja de São Mamede de Vila Verde constitui um bom exemplo de património arquitetónico que deve ser conservado e valorizado numa perspetiva de monumento interpretado, isto é, de proporcionar ao visitante a compreensão das alterações decorridas ao longo do tempo, através da leitura das diversas arquiteturas que se sedimentaram no edifício.

Bibliografia

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: [Edição de autor], 1978. 2 vols. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FERNANDES, M. Antonino – *Felgueiras de ontem e de hoje*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras, 1989.

FONTES, Luís, MACHADO, André, CATALÃO, Sofia – Experiências em Arqueologia da Arquitectura na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. *Arqueologia de la Arquitectura*. N.º 3 (2004) 173-184.

FONTES *et al.* – "Arqueologia preventiva e Arqueologia da Arquitectura: os exemplos das igrejas de Cabeça Santa (Penafiel) e de São Mamede-o-Velho (Felgueiras)". In *Seminário A Intervenção no Património: práticas de conservação e reabilitação, 2*. Porto: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais/Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2006. 2 vols, pp. 287-305. [2005 - edição CD-ROM].

FONTES, Luís, CATALÃO, Sofia – Intervenções arqueológicas no âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa: procedimentos e resultados. *Oppidum*. Número especial (2008) 257-281.

FONTES, Luís, MACHADO, André, CATALÃO, Sofia – *Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde (Vila Verde, Felgueiras): leitura estratigráfica de alçados e sondagem: relatório final*. [Em linha]. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2010. Trabalhos arqueológicos da UAUM/memórias, ISSN 1647-5836, n.º 4. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10714.

ANÍBAL COSTA

Avaliação e intervenção estrutural

A Igreja de São Mamede de Vila Verde, construção românica do século XIII, encontrava-se em estado de ruína, à data da inspeção, em 2003, não apresentando qualquer elemento de cobertura.

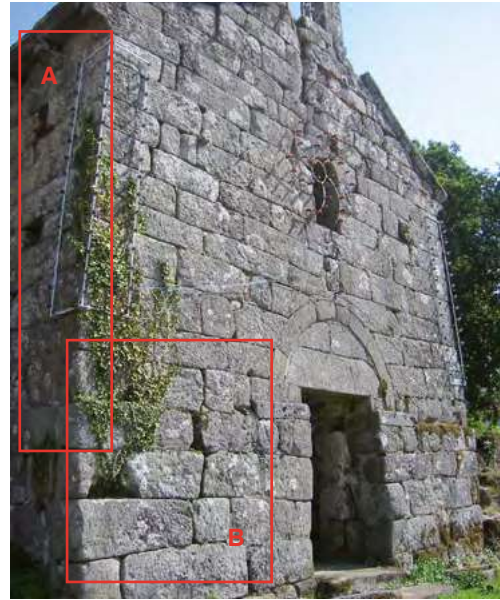
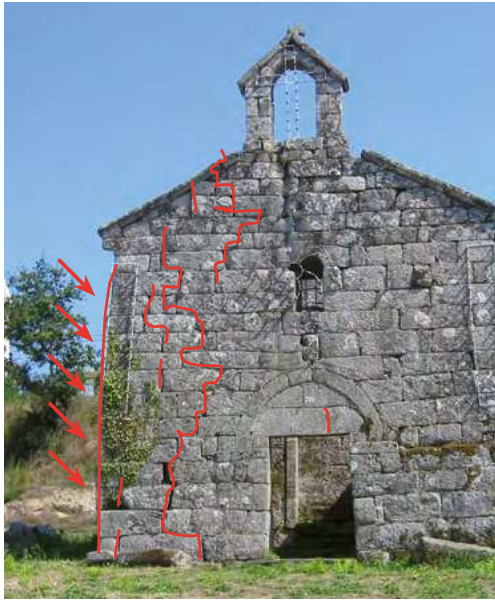
As paredes do edificado original, de folha dupla, em cantaria de blocos graníticos bem esquadrados ainda subsistiam, bem como as paredes que lhe foram adicionadas posteriormente. Assim, as fachadas exteriores, a parede interior do arco triunfal de separação da área da nave da área da capela-mor e as paredes da sacristia, num corpo lateral à capela-mor, encontravam-se em relativo bom estado e não apresentavam danos estruturais relevantes que impedissem a sua reutilização como elementos resistentes. Excetuava-se o cunhal nascente/norte da fachada principal, que apresentava danos estruturais que se consideraram importantes ao nível da estabilidade da estrutura.

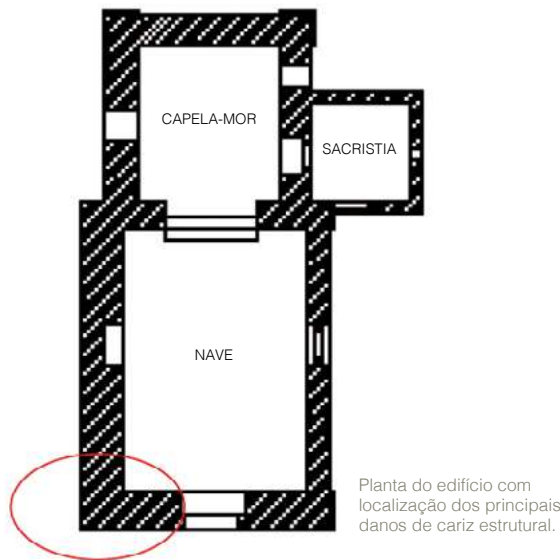
As construções existentes nas imediações da Igreja e que integravam o conjunto encontravam-se num estado de ruína praticamente total. Apesar deste estado de abandono, era visível na fachada principal, coroada por uma sineira de duas águas e arco de volta inteira e encimada por uma pequena cruz, a iluminação de festa na fachada principal, indicando que a Igreja era, ainda, alvo de culto.

Danos estruturais

Entre os danos estruturais registados destacavam-se fissuras verticais e aberturas de juntas junto ao cunhal da fachada principal com a fachada lateral direita, indiciando a existência de movimentos ao nível das fundações

Vistas do exterior e do interior da Igreja de São Mamede de Vila Verde (2003).

Pormenor dos danos estruturais da Igreja de São Mamede de Vila Verde.

Localização dos principais danos estruturais na fachada.

Planta do edifício com localização dos principais danos de cariz estrutural.

naquele local. Um eventual descalçamento/assentamento de algumas pedras da fundação levou, então, a uma nova configuração de equilíbrio das pedras no cunhal direito da fachada, denotando-se uma rotação sobre o canto inferior na direção do exterior. Este movimento originou ainda a transmissão de cargas do arco de alívio para as pedras que executam o tímpano da porta.

O facto de as juntas entre o arco de alívio e as pedras do tímpano terem sido refechadas com argamassa, permite a transmissão de forças do arco para o tímpano, contribuindo também para esta rotura.

A parede lateral direita encontrava-se também com deformação para fora do seu plano vertical, originando a “parede grávida”, como assim as designava o arquiteto Fernando Távora. Este “embarrigamento” da parede provocou ainda a abertura de juntas e a rotura por compressão de algumas pedras.

Um outro dano considerado menos relevante para um bom desempenho da estrutura, mas que contribuía igualmente para a degradação da pedra, o material estrutural, era a forte presença de vegetação nos paramentos. A vegetação, pela ação mecânica que as raízes provocam nas juntas, é responsável pela própria abertura das juntas provocando, muitas vezes, a própria rotura das pedras.

A intervenção

A nível estrutural foi efetuada uma intervenção mínima que envolveu a estabilização do cunhal e da parede lateral direita. Adicionalmente, considerou-se, na Igreja, a reposição da cobertura de duas águas de acordo com os indícios existentes. A cobertura, que se estabeleceu ser em madeira, foi definida com uma configuração estrutural autoportante de forma a não induzir esforços horizontais ao nível do topo das paredes.

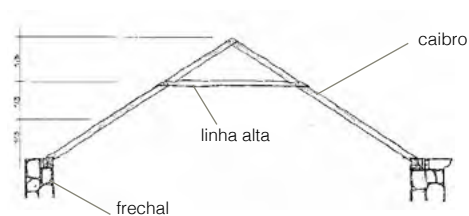
Por questões de higrotérmica, optou-se por fazer um pavimento ventilado exteriormente, tendo sido necessário a abertura de uma caleira periférica ao edifício que efetuasse essa ventilação e a drenagem das águas pluviais. A abertura desta caleira no solo permitiu, assim, a observação direta das fundações, tendo-se efetivamente

Descalçamento da fundação.

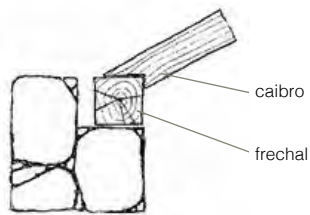
verificado a existência de movimentos de uma das pedras da fundação, que originou o rearranjo da alvenaria com as consequências atrás referidas. Este movimento, muito localizado, poderá ter sido provocado quer pela infiltração da água no solo da fundação, originando a lavagem de finos, quer também pela pequena dimensão das pedras de base que se observa neste local.

Foi, então, efetuado o recalcamento da fundação e foram injetadas argamassas de consolidação, antes da execução da caleira periférica para a ventilação e a drenagem das águas da cobertura. Na execução destes trabalhos foi utilizada uma argamassa estrutural isenta de cimento Portland.

Paralelamente à caleira de ventilação, em zona de terreno muito inclinado, foi executado um dreno em material britado, envolto em manta de geotêxtil, que conduzirá as águas de escorrência do solo diretamente para as caixas de recolha de águas pluviais.

Também o topo das paredes foi consolidado com argamassas compatíveis de forma a poder receber a estrutura da cobertura. Esta estrutura foi executada em madeira de pinho tratado em autoclave. A configuração estrutural da cobertura foi efetuada de acordo com os vestígios existentes da cobertura antiga e que era do tipo "caibro armado". Esta cobertura consiste numa sucessão de

Esquema construtivo da cobertura em caibro armado.

Caleira para ventilação dos pavimentos interiores e drenagem das águas pluviais.

Consolidação do topo da parede da empena posterior.

Pormenor da cobertura em caibro armado. Entalhe em boca de lobo.

caibros (ou pernas) unidos na extremidade superior e que se apoiam no frechal, usualmente através de um entalhe chamado de boca de lobo. No terço superior dos caibros é inserida uma peça horizontal chamada linha alta.

Esta peça absorve parte das cargas provenientes do revestimento de telhas devido à forma como é unida aos caibros (usualmente em malhete em rabo de andorinha). A distância entre pernas consecutivas de um mesmo elemento é de cerca de 50cm. Foi colocado um forro também em tábuas de pinho tratado em autoclave sobre o

Vistas da cobertura.

qual foram aplicadas telas impermeáveis à água e permeáveis ao vapor. Sobre este conjunto foi aplicado o ripado e contra ripado de suporte das telhas.

Para que a linha cumeeira do telhado não ficasse a uma cota mais alta que a linha definida pela cumeeira de granito das fachadas principal e posterior e a zona sobre o arco cruzeiro fez-se o alinhamento destas cumeeiras. Este facto obrigou à rufagem com chapa de zinco dos topos das paredes que, assim, ficariam em granito aparente, para se evitar as infiltrações de água. A cobertura da sacristia, como não existiam registos da sua configuração, foi executada em chapa de aço corten, rufando, simultaneamente, o topo das paredes da sacristia.

Finalmente, as paredes de granito foram limpas com água corrente e escova macia, sendo posteriormente refechadas as juntas com argamassas de cal e saibro.

Refechamento das juntas.

Remates da cobertura.

MIGUEL MALHEIRO

Licenciado em Arquitetura pela Universidade Lusíada do Porto, em 1994, e doutorado, em 2012, pela Universidad de Valladolid, com a tese *A Presença da Arquitetura. A arquitetura Românica do vale do rio Sousa.*
Desde 1994 é docente da unidade curricular de Projeto, na Universidade Lusíada do Porto, onde desenvolve o tema Edificar no (e com o) Património. É investigador efetivo do Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design (CITAD).
De 1996 a 2007 elabora projetos de salvaguarda, revitalização, conservação e valorização de património com a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, tendo sido coordenador do *Estudo de Valorização e Salvaguarda das Envolventes aos Monumentos da Rota do Românico do Vale do Sousa*. A partir de 2007 exerce atividade como profissional liberal, com especial incidência em projetos e estudos de intervenção no património edificado.

JOAQUIM INÁCIO CAETANO

Conservador-restaurador de pintura mural. Formado no antigo Instituto José de Figueiredo e ICCROM de Roma, tem vindo, desde meados da década de 80, a desenvolver atividade técnica, teórica e pedagógica no âmbito da pintura mural.
É autor do estudo *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*.
Integrou a equipa de restauro, como responsável local pelo grupo estrangeiro, no projeto UNESCO/Japan Trust Fund para o restauro do Mosteiro de Probota, na Roménia. Colaborou com a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais na elaboração do Inventário Temático de Pintura Mural dos Distritos de Vila Real e Bragança. Doutorado em História, especialidade Arte, Património e Restauro, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o tema *Motivos decorativos de estampilha na pintura a fresco dos séculos XV e XVI no Norte de Portugal. Relações entre pintura mural e de cavalete.*

LUÍS FONTES

Doutor em Arqueologia, especialidade Paisagem e Povoamento, pela Universidade do Minho (UM), é arqueólogo da Unidade de Arqueologia da UM desde 1987, onde exerce a função de diretor de projetos de estudo em Arqueologia Medieval e Moderna. Desenvolve a sua investigação nas áreas de interesse dos Mosteiros, Arquitetura Cristã Antiga, Paisagem e Povoamento, Métodos de Registo e Análise Arqueológicos, Valorização e Divulgação do Património.
É investigador efetivo do Grupo de Investigação "Paisagem, Fronteiras e Poderes" do Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória", com atividade complementar de docência da disciplina de Arqueologia Medieval, da licenciatura em Arqueologia da UM, e das disciplinas de Arqueologia da Arquitetura e Arquitetura, Materiais e Tecnologias de Construção Medievais e Modernas, do mestrado em Arqueologia da UM.

ANÍBAL COSTA

Licenciado pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), em 1976, doutor, em 1989, e agregado, em 2002, pela FEUP. A sua área de especialização é a Engenharia Sísmica e a Reabilitação e Reforço de Estruturas. Especialista em Estruturas pela Ordem dos Engenheiros.
É professor catedrático do Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro. É autor ou coautor de mais de 300 publicações científicas, em revistas e congressos nacionais e internacionais no domínio da Engenharia Sísmica e da Reabilitação e Reforço de construções antigas. Orientador de mais de 30 teses de mestrado e doutoramento.
É diretor do Núcleo de Conservação e Reabilitação de Edifícios e Património, da Secção de Estruturas do Departamento de Engenharia Civil da FEUP.